

A RESISTÊNCIA É A VIDA!



**NOTAS SOBRE O PROCESSO
REVOLUCIONÁRIO DO POVO CURDO**

“Berxwedan Jiyan e”

A Resistência é a Vida!

**Notas sobre o processo revolucionário
do povo Curdo.**

Várias Autoras e Autores
Ateneu Libertário A Batalha da Várzea

Porto Alegre, Abril de 2015

*Copyleft - all rights reversed. Copie, cole, recorte e distribua.
Pirataria é o ato de saquear navios, multiplique informações.*

A Resistência é a Vida!

Notas sobre o processo revolucionário do povo Curdo

Várias Autoras e Autores

Ateneu Libertário A Batalha da Várzea

Porto Alegre, Abril de 2015

***Atenção:** Dada as urgências das causas desta publicação, não conseguimos entrar em contato com todas as pessoas que escreveram e publicaram os textos em seus formatos ou suportes de origem, portanto, fizemos questão de inserir as informações sobre as devidas autorias, traduções e meios de publicação.*

Nem todas as imagens foram possíveis de identificar a autoria, na medida do possível aquelas que puderem ser identificadas assim serão.

Ateneu Libertário Batalha da Várzea

www.batalhadavarzea.blogpost.com

www.fb.com/abatalhadavarzea

*“Derrotar o jihadismo em Rojava
é acender um farol aos povos do
Oriente Médio.”*

Maycon Bezerra



A t e n e u **Libertário** **BATALHA DA VÁRZEA**

O Ateneu Libertário A Batalha da Várzea é um espaço político-cultural aberto a toda comunidade. Inspirado nos ateneus anarquistas do século XX, espaço dos militantes anarquistas e operários, local de cultura, estudo, formação política, música e teatro.

O Ateneu é o local de funcionamento da Cooperativa de Costura Apoio Mútuo, da Cooperativa de Consumo Mãos na Terra e da biblioteca “A Conquista do Pão”. O Ateneu também abre suas portas para a realização de charlas (bate-papos), exposições e palestras temáticas, oficinas, vídeos-debates e outras atividades, sejam elas promovidas pelo coletivo gestor do espaço ou por outros coletivos e pessoas interessadas.

Para saber como utilizar o espaço, entre em contato:

Ateneu Libertário Batalha da Várzea
Rua Ramiro Barcelos, 1853 - Clube de Cultura
Bairro Bom Fim, Porto Alegre - RS
90035-002

www.fb.com/abatalhadavarzea
www.batalhadavarzea.blogspot.com

Sumário

- 07** • Apresentação
- 11** • A resistência é a vida!
- 14** • A Estrela YPJ: Hoje é o nosso dia, organize-se!
- 16** • Reescrevendo a história das mulheres em Rojava (Parte 1)
- 19** • Reescrevendo a história das mulheres em Rojava (Parte 2)
- 25** • Mulheres Curdas: “A resistência é a vida”
- 33** • Municipalismo Libertário
- 40** • As Comunas e Conselhos de Rojava
- 45** • Pontes entre o anarquismo e o Confederalismo Democrático
- 49** • 6 Notas sobre a economia da revolução de Rojava
- 53** • Carta escrita de um combatente da YPJ a sua mãe desde Kobani
- 55** • MULHERES EM ARMAS: Zapatistas e curdas abraçam uma nova política de gênero



Apresentação:

A revolução dentro da revolução e o protagonismo feminino no Curdistão

Somente há pouco tempo ficamos sabendo que em uma determinada região do Oriente Médio, mais precisamente no oeste do território curdo (Rojava), existe um processo revolucionário que se desenlaça e coloca no cerne da questão política a liberdade das mulheres e a negação do Estado-Nação. A luta revolucionária hoje no Curdistão é algo que recoloca no debate político da esquerda mundial a possibilidade de fazer a ruptura com a podridão do sistema capitalista e patriarcal. Hoje, o povo curdo, que está em luta contra os regimes opressivos da região, dá o exemplo de como é possível viver em uma sociedade baseada na democracia de base, no poder popular e no alto nível de liberdade das mulheres.

A toda essa proposta política elas e eles dão o nome de Confederalismo Democrático. Essa proposta surge a partir das leituras do militante curdo Abdullan Ocalan, que é uma figura de referência para toda a esquerda curda, sendo um dos fundadores do Partido Trabalhista Curdo (PKK), e que está preso há 16 anos, com pena perpétua para ser cumprida em uma ilha-prisão da Turquia. Na prisão, Ocalan aprofundou suas leituras dos textos anarquistas de Bakunin, Kropotkin e Proudhon, e, como proposta de modelo político para ser trilhado na revolução social do Curdistão, ele rebate o Municipalismo Libertário do também anarquista Murray Bookchin. Esse projeto político, o Confederalismo Democrático, vê o Estado como o principal oponente às ideias de autodeterminação dos povos e sua independência. A independência que é proposta pelo projeto do Confederalismo Democrático não busca obter fronteiras de um Estado-Nação. Pelo contrário, a luta curda hoje é qualquer coisa exceto nacionalista.

Nas montanhas acima de Erbil, no antigo coração do Curdistão, passando pelas fronteiras da Turquia, Irã, Iraque e Síria, nasce uma revolução social, uma proposta radical de democracia de base esfrega na cara da esquerda

mundial que o caminho para a superação deste modelo injusto e assassino começou a ser trilhado longe do que tradicionalmente se esperava.

A luta revolucionária do povo curdo está construindo uma sociedade livre do Estado, e isso coloca em cena a antiga e maior polêmica entre a esquerda centralista e a federalista, que é a questão do Estado e também o tema já tão conhecido por nós, anarquistas, de que o socialismo é com liberdade ou não é socialismo. E o que está acontecendo por lá, no Curdistão revolucionário, é isso mesmo: desde os conselhos mais locais, sejam eles em bairros, municípios ou distritos, se pratica formas de democracia direta, onde todas as pessoas podem deliberar sobre as diferentes questões da nova sociedade que estão construindo. As ferramentas de organização específicas para as mulheres, jovens e para toda a comunidade encarnam fortemente no dia a dia os princípios de democracia radical de base e liberdade. O federalismo do ponto de vista anarquista, como um conceito de descentralização de poder encontra nesta experiência terreno fértil para fazer defesa desta concepção. O que temos hoje no Curdistão é o desenlace de um povo forte, que neste momento está em armas contra as terríveis ideias e ações do Daesh (ISIS, ou Estado Islâmico).

Algo extremamente importante de ressaltar nesse processo todo é a conformação, em todos os níveis de organização, da inserção das mulheres curdas nessa luta revolucionária, onde as mulheres estão desempenhando um papel determinante no combate ao Estado Islâmico. Elas não estão ali somente porque as condições da guerra contra o Estado Islâmico requeira isso, não porque sejam “símbolos de propaganda”, as mulheres curdas estão metidas nesse processo como grandes protagonistas de um duro combate às forças que mais matam, escravizam e massacram os povos oprimidos da região. Elas carregam no seu “núcleo duro” político-ideológico uma proposta de ruptura ao sistema capitalista-patriarcal, e estão atuando dessa forma naquela região do mundo, onde já escutamos milhares de vezes que os direitos das mulheres são terrivelmente negados. Isso também é o que torna essa experiência revolucionária com caráter feminista ainda mais entusiasmante.

O movimento de mulheres no Curdistão sabe que a proposta de um Estado-Nação não é a solução para a vida dos mais oprimidos e que sim, a solução está fora do Estado, a despeito do Estado, em combate à lógica do Estado-Nação, capitalista e patriarcal. E é no fortalecimento de uma lógica democrática de baixo para cima que temos visto os curdos levando adiante sua revolução social, fortalecendo suas cooperativas, conselhos e assembleias.

O Estado Islâmico e as grandes potências ocidentais são as principais ameaças, ao menos por hora, para os revolucionários curdos. O E.I. é uma força ultraconservadora de interpretação do islamismo que está tentando se conformar como um Estado nas regiões do Iraque e Síria. Eles têm como principal objetivo dos seus ataques pessoas desarmadas, e se utilizam de métodos de terror para capturar e massacrar os povos dessas regiões. Com uma certa prioridade, o E.I. quer massacrar o povo curdo, sem falar que contra as mulheres eles praticam um verdadeiro feminicídio.

É importante contextualizar que, apesar das confusões sugeridas pelos interesses das potências dominantes e os seus meios de comunicação, o E.I. é um agente que tem origens na Al-Qaeda, vindo a ser uma cisão desta. Então, é bom lembrar que a Al-Qaeda e os Estados Unidos têm relações históricas de negócios entre as famílias Bush e Bin Laden. Portanto, é ilusório e ignorante acreditar na afirmação de que exista combate contra o E.I. a não ser o que dá o povo curdo em armas.

Os desafios de defesa desse processo revolucionário são gigantes, pois os interesses das grandes potências são, em grande medida, os mais preocupantes. Todavia, não sabemos em que momento o povo curdo pode ser alvo de artilharia pesada vinda também da parte Ocidental do mundo, sem falar que para a esquerda, a nível internacional, ainda falta maior engajamento na defesa dessa revolução. Não podemos cometer o erro histórico, como organizações de intenção revolucionária, de largar à própria sorte os povos em armas que se erguem pelos cantões do Curdistão.

O papel que essa experiência cumpre para os demais povos oprimidos do mundo é imensurável, a revolução social em marcha no Curdistão é a prova viva de que podemos destruir esse sistema de opressões com organização desde a base, sem hierarquia político-econômica e social e com real protagonismo dos oprimidos.

No que diz respeito à luta das mulheres, o que vemos por lá, como falado anteriormente, é ainda mais empolgante, pois o projeto do Confederalismo Democrático busca em prioridade a liberdade e autodeterminação das mulheres, sendo essa premissa o “medidor” para uma sociedade realmente livre e democrática. Com isso, me atreveria a dizer que, por mais que em outros processos revolucionários tenhamos visto uma grande participação das mulheres, como é o exemplo da Comuna de Paris com suas “incendiárias” e um papel destacado para a companheira Louise Michel, na Revolução Espanhola com as valentes “Mujeres Libres” e nas demais revoluções sociais, nada se compara ao que estamos vendo fazer, aqui e agora, essas mulheres e homens das montanhas do Curdistão.

Dentro do debate político que fazem por lá, os companheiros homens podem opinar sobre tudo, menos sobre a vida das mulheres e sua livre determinação. Já viram isso antes? Acredito que não. Pois bem, está em prática por lá, também, o fim derradeiro dos casamentos de crianças, da poligamia e da violência sexual ou de qualquer outra ordem contra as mulheres e, se um homem cometer algum tipo de violência contra as mulheres, este será afastado de qualquer cargo que possa estar ocupando na organização dessa nova sociedade. Isto prova que a liberdade das mulheres não é conquista para depois da revolução social, e sim é parte constitutiva no processo da mesma.

A resistência é a vida!

*Abdullan Ocalan**

Tradução: Lorena Castillo

<http://jornalismob.com/2015/02/26/a-resistencia-e-a-vida-texto-de-abdullan-ocalan-militante-curdo/>

A modernidade democrática: a era da revolução das mulheres

A liberdade da mulher desempenhará um papel estabilizador e igualador na formação da nova civilização e ocupará seu lugar em condições de respeito e igualdade. Para conseguir isso, temos que trabalhar no nível teórico, programático, de organização e implementação. A realidade da mulher é um fenômeno ainda mais concreto e analisável do que conceitos como “proletariado” e “nações oprimidas”. O grau de transformação possível da sociedade está determinado pelo grau de transformações que consigam as mulheres. Da mesma forma, o nível de liberdade e igualdade da mulher determina a liberdade e igualdade de todos os setores da sociedade. Por isso, o nível de democracia que alcance as mulheres é decisivo para o estabelecimento permanente da democratização e secularização. Para uma nação democrática, a liberdade da mulher tem uma grande importância, já que uma mulher livre constitui uma sociedade livre. A sociedade livre constitui por sua vez uma nação democrática. Por outra parte, a necessidade de mudar o papel do homem é de uma importância revolucionária.

O amanhecer de uma era de civilização democrática representa não somente o renascimento de todos os povos, se não também, de forma mais específica o auge da liberdade das mulheres. A mulher, que foi a deusa criativa da sociedade neolítica, sofreu perdas incessantes no decorrer das sociedades de classes. Inverter esta história acarretará inevitavelmente transformações sociais mais profundas. A mulher, renascida para a liberdade, se somará a liberdade e justiça no âmbito geral da sociedade, em todas as instituições, em todos seus níveis. Convencerá a todos que a paz, e não a guerra é mais valiosa e desejável. O triunfo da mulher é o triunfo da sociedade e do indivíduo em todos os níveis. O século XXI deve ser a era do despertar, a era da mulher livre e emancipada. Isto é mais importante ainda que libertação de classes ou de nação. A era da civilização democrática deve ser a era em que a mulher se alce e triunfe completamente.

É realista considerar nosso século como o século em que a vontade da mulher livre florescerá. Por isso é preciso estabelecer instituições permanentes para as mulheres e mantê-las quem sabe por século. Se necessitam partidos para a liberdade das mulheres. É vital também que se formem círculos ideológicos políticos e econômicos baseados na liberdade das mulheres.

As mulheres em geral, mas, mais especificamente as mulheres do Oriente Próximo, são a força mais energética e ativa da sociedade democrática, devido as características anteriormente descritas. A vitória definitiva da sociedade democrática só será possível com a mulher. Os povos e as mulheres são devastados pela sociedade de classes desde a era neolítica. Serão eles, como agentes fundamentais do progresso democrático, os que agora não só se vingaram da história, senão que também formaram a antítese necessária posicionando-se a esquerda da nascente sociedade democrática. As mulheres são verdadeiramente os agentes sociais mais confiáveis no caminho para uma sociedade igualitária e libertária. No Oriente Próximo, vai depender das mulheres e jovens assegurar a antítese necessária para a democratização da sociedade. O despertar da mulher e o fato de ser a força social líder neste cenário histórico, tem um valor de autentica antítese.

Devido às características de classes das civilizações, seu desenvolvimento está baseado pela dominação masculina. Isto é o que situa a mulher na posição de antítese. De fato, para superar a divisão de classes da sociedade e a superioridade masculina, sua posição adquire o valor de uma nova síntese. Por conseguinte, a posição de liderança dos movimentos de mulheres na democratização do Oriente Próximo possui características históricas que as constituem tanto como uma antítese (pelo fato de se desenvolverem no Oriente Próximo) e uma síntese (a nível global). Esta área de trabalho é a obra mais importante que jamais tinha feito. Acredito que deveria ter prioridade na liberdade das pátrias e a liberação do trabalho. Mas, se quero ser um lutador pela liberdade, não posso ignorar isso: a liberdade das mulheres é a revolução dentro da revolução.

A missão final fundamental da nova liderança é proporcionar o poder intelectual e a vontade necessária para conseguir os três aspectos cruciais para a conformação de um sistema de modernidade democrática, assim como ética desde um ponto de vista tanto econômico como ecológico. Para conseguir isso, devemos estabelecer um número suficiente de estruturas acadêmicas com uma qualidade adequada. Não é suficiente criticar o mundo acadêmico moderno, temos que desenvolver uma alternativa. Estas unidades acadêmicas alternativas deveriam ser criadas sobre as prioridades e necessidades de todos os campos sociais, tais como a economia e a tecnologia, ecologia e agricultura, políticas democráticas, segurança e defesa, cultura, história, ciência e filosofia, a religião e as artes. Sem um mar-

co acadêmico forte os elementos da modernidade democrática não podem ser construídos. Os marcos acadêmicos e os elementos da modernidade democrática são igualmente importantes para alcançar êxito. A inter-relação é uma necessidade para alcançar êxito.

A luta pela liberdade (não só das mulheres, senão de todas as etnias e todos os setores da comunidade) é tão antiga quanto a história da escravidão e exploração da humanidade. O anseio pela liberdade é intrínseco à natureza humana.

Temos aprendido muito destas lutas, também da que estamos mantendo nos últimos quarenta anos. A sociedade democrática tem coexistido com diferentes sistemas de civilizações dominantes. A modernidade democrática, o sistema alternativo ao capitalismo moderno, é possível por meio de uma mudança radical da nossa mentalidade e as correspondentes mudanças, radicais e apropriadas, na nossa realidade material. Estas mudanças, devemos criar em conjunto.

Para terminar, eu gostaria de assinalar que a luta pela liberdade das mulheres deve ser levada a cabo através do estabelecimento de seus próprios Partidos Políticos, conseguindo um movimento popular de mulheres, construindo suas próprias organizações não governamentais e estruturas políticas democráticas. Tudo isso deve ser trabalhado ao mesmo tempo, simultaneamente. As melhores mulheres são capazes de escapar das garras da dominação masculina e da sociedade. As melhores serão capaz de viver e atuar de acordo como sua livre iniciativa e independência. Quanto mais as mulheres se empoderarem, mais reconstituirão sua personalidade e identidade em liberdade. Por conseguinte, apoiando a ira das mulheres, o movimento de conhecimento e liberdade é o maior aporte de companheirismo e prova de humanidade. Tenho plena confiança de que as mulheres, a margem de suas diferenças culturais e étnicas, todas as que têm sido excluídas do sistema, triunfarão. O século XXI será o século da libertação das mulheres.

Espero fazer minhas contribuições não só escrevendo, mas ajudando a colocar em prática estas mudanças.

* Abdullan Ocalan, militante curdo e preso político, no livro “Liberando la vida: la revolución de las mujeres”

A Estrela YPJ: Hoje é o nosso dia, organize-se!

Yekîneyên Parastina Jinê (YPJ)

Tradução: A. Thomazini

<https://resistenciacurda.wordpress.com/2014/11/25/a-estrela-ypj-hoje-e-o-nosso-dia-organize-se/>

Temos de pegar em armas para lutar contra a barbárie

As mulheres que lutam com o YPJ na resistência em Kobane falaram com JIHNA sobre a importância de seu movimento nas suas próximas ações planejadas para o dia 25 de novembro, Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, de acordo com uma nova reportagem em Özgür Gündem

Como a resistência das mulheres do YPJ persiste contra o EI e seus colaboradores em Rojava, grandes manifestações estão previstas para Amed (Diyarbakir), Wan (Van) e Colêmerg (Hakkari) no Norte do Curdistão. As mulheres do YPJ contaram ao JIHNA que não lutavam somente contra o EI, mas para a libertação das mulheres em todos os lugares. Eles apelaram às mulheres do Curdistão e em todo o mundo a se unir em solidariedade, afirmando “Nossa luta é contra a hegemonia masculina. Vamos nos organizar.”



Dalya Ömer, membro do Yetkîtiya Estrela e do Conselho do Movimento Sociedade Democrática (TEV-DEM), disse que a luta travada em Kobane sob o comando do YPJ também foi uma luta contra a mentalidade da hegemonia masculina. Ela fez este apelo às mulheres que viriam para a fronteira em Pirsûs (Suruç): “Estamos chamando as mulheres de todas as regiões para se unir e lutar contra todas as formas de violência contra as mulheres, da mesma forma que nós, mulheres curdas, nos unimos contra os ataques do EI. Agradecemos a todos que estão resistindo contra essa violência.”



Zilan, uma combatente do YPG que há anos luta em defesa das mulheres que sofrem abusos na sociedade, disse que “o que aqui estamos experienciando é o surgimento da representação e vontade das mulheres. Esta é motivo principal pelo qual travamos a nossa luta. A guerra que foi travada contra o YPJ aqui é de fato a mesma travada contra as mulheres em todo o mundo. Os ataques do EI, ocorridos aqui foram projetados para destruir a vontade das mulheres. Nós também estamos lutando contra isso. “Zilan fez um chamado às mulheres de todo o mundo para participar e comemorar o dia 25 de Novembro, afirmando: “Convoco todos a participar nestas ações e evidenciar a vontade das mulheres adiante.”



Agiri Yılmaz, outra combatente do YPG, disse: “Na mentalidade do EI as mulheres são deficientes. Elas não podem lutar. No entanto, quando se ouvem os gritos e chamadas das mulheres do YPJ, eles deixam suas posições e suas armas e fogem. Eles estão com medo de lutar contra mulheres. Eles dizem a si mesmos ‘deixe-me morrer lutando contra um homem, mas não contra uma mulher.’ Isso é oriundo de sua concepção de que as mulheres não podem fazer nada. Mas a nossa concepção é de que as mulheres organizadas gerenciam a si mesmas e se organizam.” Agiri Yılmaz deixou claro que eles não fazem este apelo, apenas as mulheres do Curdistão: “Hoje é o nosso dia. Se não fizermos isso, então todo o nosso trabalho será negado. Tudo será como há cinco anos. Nós não estamos apenas pegando em armas e lutando. Nós não amamos as armas, e não seremos reconhecidas desta maneira. Nós estamos apaixonadas por nossas ideias. Estamos apaixonadas por nossa liberdade. Mas há um inimigo selvagem a nossa frente. Somos forçadas a pegar em armas. Nós pegamos em armas para que esta barbaridade não prossiga. Por este motivo, fazemos uma chamada que vai muito além de pegar armas. Precisamos nos organizar em todas as esferas e compartilhar.”

Reescrevendo a história das mulheres em Rojava (Parte 1)

Rojda Serhat-Şevin Şervan-Cahide Harputlu – JINHA

Tradução por Lorena Castillo

<http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/west-kurdistan/rewriting-women-s-history-in-rojava-part-1.html>

“Na revolução de Rojava, as mulheres têm se organizado não apenas para sua própria autodefesa, mas também em atividades sociais, políticas, diplomáticas e econômicas. Estas séries de duas partes irão explorar a resistência feminina na guerra e vida cotidiana do YPJ, organização de base, que fez da revolução de Rojava a revolução das mulheres.

Após a Primeira Guerra Mundial, Rojava (ou ocidental) do Curdistão estava sob o domínio colonial francês. Depois da independência da Síria, pós-Segunda Guerra Mundial, Rojava caiu dentro das fronteiras do novo Estado-nação. Começando com o censo de 1962, o governo sírio revogou a cidadania dos Rojavans ‘, alegando que eles só tinha vindo para a Síria, na esteira de 1925, após Sheykh rebelião no norte do Curdistão.

O partido Baath, que chegou ao poder em 1963, viu os curdos da Síria como uma ameaça potencial e, começou a política de “cinto árabe” deslocamento de árabes para uma única área. De acordo com a Human Rights Watch, 120.000 curdos se encontravam atribuídas o estatuto de “estrangeiro”.

Tais políticas de assimilação muito semelhantes àquelas experimentadas por curdos da Turquia, com leis contra a fala e de publicação em língua curda. Os Curdos resistiram a estas políticas durante décadas, lançando as bases organizadas da Revolução Rojava.

Em 19 de julho de 2012, os curdos de Rojava lançaram o projeto de autonomia democrática, concebido para garantir o futuro de não apenas os curdos, mas os muitos povos da Rojava, incluindo assírios, armênios e Árabes. As pessoas de Rojava declaram autonomia em três cantões: Afrin, Kobanê e Cizîre.

As mulheres imediatamente começaram a institucionalizar a sua presença na nova revolução, fundando uma série de instituições com a participação de diferentes grupos étnicos: asayîş (manutenção da paz) unidades, os parlamentos populares, organizações e comunidades das mulheres, tribunais, centros de juventude, centros populares, cultura e centros de arte e muito mais.

Os ataques militares contra a revolução começaram cedo. Em resposta, os curdos formaram as unidades de autodefesa, YPG. As mulheres, que estavam tomando papéis de liderança em cada parte da vida, sentiram a necessidade de autodefesa e, fundaram a YPJ (Unidades de Proteção da Mulher) em 02 de dezembro de 2013.

Na primeira conferência da YPJ, na cidade de Derik, as mulheres decidiram formar unidades YPJ em todos os três cantões de Rojava, com o nome de cada unidade em memória a uma mulher que tinha perdido a sua vida na guerra. Mulheres inauguram então uma academia de autodefesa em Cizîre nomeado a mártir SILAN. Elas, mais tarde, abriram seis Şehîd SILAN Academy bureaus nos três cantões.

Silav, uma lutadora YPJ, ao defender a cidade de Afrin de ataques, se tornou a primeira mártir das unidades de defesa. Este período inicial da organização viu mais 29 mulheres mártires na batalha.

Hoje, existem centros YPJ em cada cidade, com 10 a 20 lutadoras, baseados em cada centro, um órgão de coordenação em nível de cantão para os demais centros. Amarrado a cada centro estão outras unidades individuais. Novas voluntárias YPJ se somam para receber formação militar em primeiro lugar, em seguida, participar de academias onde são “afiadas” no pensamento político, uma exigência em termos de critério antes de poderem participar em quaisquer atividades militares. A educação Acadêmica baseia-se nos princípios da autonomia democrática e autodefesa.

Mulheres de Rojava, armênias, árabes e assírias, além de mulheres curdas, juntaram-se a unidades de defesa das mulheres. O YPJ elevou suas ações em toda a região, em Serekani, Cezaa, Til Hemis, Shengal e Rabia.

Mas foi o seu desejo de resistir a ataques intensivos do Daesh sobre Kobanê que, arrancavam um enorme número de mulheres se juntando ao YPJ, em todas as quatro partes do Curdistão. A violência do Daesh contra as mulheres, que inclui assassinar, estuprar e venda de mulheres. Arin Mîrxan, que se sacrificou lutando por Kobanê, tornou-se o exemplo de luta tenaz das mulheres para a vida livre da resistência histórica da cidade. A liberdade das mulheres se multiplicou na revolução em uma gama de instituições civis de base. Casas de mulheres foram abertas nos três cantões, sob a liderança do grupo Yekitiya Star. Estas casas são para ajudar a resolver os problemas que as mulheres enfrentam diariamente, particularmente aqueles específicos de vida da mulher, elas.

Cada casa de mulheres tem de 12 a 15 mulheres, incluindo a administração de três a cinco pessoas, divididas em três comitês: um Comitê de coleta de informações que recebe os problemas, um Comitê de resolução que trata com eles, e uma Comissão de Arquivo que registra resultados. Só no caso de um problema não pode ser resolvido em casa das mulheres é a que se refere ao sistema judicial, em que as mulheres também participam. Yekitiya Star, também fundou academias das mulheres em todas as cidades em Rojava, que têm visto forte presença de mulheres todos os dias. Os programas educacionais incluem a história das mulheres, a autonomia democrática, estudos de gênero e da história da luta das mulheres. Academias das mulheres como objetivo de proporcionar um espaço de debate e partilha de ideias lideradas e participada por mulheres.

O mecanismo democrático de base da comuna das mulheres podem ser encontrados em bairros individuais, vilas e ruas em Rojava. Nas comunas se reúnem para resolver problemas locais, coordenar projetos econômicos comuns e eleger sua própria liderança.

Operações de manutenção da paz () Asayiş, em que as mulheres constituem a maioria, estão em curso há três anos. Unidades Asayiş podem ser encontradas nos pontos de entrada e outros locais estratégicos em cada cidade, garantindo a segurança dos cantões.

Seis meses atrás, as mulheres fundaram a “ Fundação das Mulheres Livres”, uma das primeiras mulheres fundamentadas. As cinco comissões da fundação vão abordar a educação, a saúde e os problemas sociais de mulheres e crianças. O projeto atual da fundação envolve programas educacionais em todos os bairros de Rojava proporcionando um espaço para a criatividade e as habilidades das mulheres. A fundação também está trabalhando para a presença das mulheres na economia.”.

Reescrevendo a história das mulheres em Rojava (Parte 2)

Rojda Serhat-Şevîn Şervan-Cahide Harputlu – JINHA

Tradução por Eliete Floripo

<http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/west-kurdistan/rewriting-women-s-history-in-rojava-part-2.html>

ROJAVA – este ano em Rojava, as mulheres estão se preparando para o 8 de Março com tanta excitação como dor. Apesar da intensificação dos ataques contra as mulheres, elas fizeram um histórico ano através de seu trabalho de defesa de Shengal e Kobane e da construção de Rojava. Nossa série continua hoje com a história da ativista de uma base da organização que precedeu a revolução; reflexões das mulheres sobre o seu trabalho no governo; e uma entrevista com a comandante do YPJ Meryem Kobane. As raízes da revolução Rojava: décadas de organização para a libertação de curda

Henife Husen, co-presidente do movimento político democrático, guarda-chuva do Movimento para uma Sociedade Democrática (PEV-DEM), diz que a resistência e luta das mulheres tinham uma história muito antes de Rojava.

Com a supervisão de Apo (Abdullah Öcalan), a busca da liberdade no Curdistão, chegou a Rojava também. As mulheres de Rojava aceitaram isto desde o início; elas abriram suas casas, deixaram seus filhos para esta luta. “Para a revolução chegar até aqui, houve muito apoio moral e material,” incluindo o combate na linha de frente da Frente Nacional de Libertação do Curdistão (ERNK) e apoio de Apo, disse Henife”.

Abdullah Öcalan passou um tempo em Rojava na década de 1990. “A estadia do líder do Curdistão em Rojava tinha três projetos principais,” segundo ela. O mais importante deles foi o projeto de libertação das mulheres. Em Rojava, muitas mulheres participaram de suas reuniões. Henife disse que as reuniões resultaram em uma série de mudanças na sociedade. Enquanto as primeiras mulheres juntaram-se a guerrilha uma a uma, as revoltas populares no Curdistão do Norte na década de 1990

resultaram em uma explosão de voluntários para a guerrilha. “O primeiro mártir por ser uma mulher, teve um enorme eco. Cada mártir preparou o terreno para mais pessoas no voluntariado”.

A filosofia de Öcalan propagou, as mulheres começaram a organizar todas as suas atividades econômicas, incluindo o trabalho doméstico. “As mulheres começaram a fazer o que ninguém mais poderia fazer,” disse Henife. Mas depois que Abdullah Öcalan foi feito prisioneiro pelo Estado turco, a repressão começou a tornar-se intensa em Rojava. O estado facilitou uma gama de políticas sujas que se assemelhavam muito a aquelas implementadas pelo Estado turco contra o povo do norte do Curdistão.

“Começaram políticas de fome. Desemprego ampliado. Nestes dez anos causou imensa devastação, especialmente contra as mulheres,” disse Henife. “Havia uma aliança entre os dois Estados,” ambos facilitaram o crime e a corrupção.

Em um curto período de tempo, prostituição, drogas e espionagem tornaram-se generalizadas em Rojava. “Homens mais velhos que vinham do Norte (Turquia) para comprar mulheres jovens para ‘casamento’”. “Depois disso, mudou o entendimento local do Islã, disse ela. As mulheres também participaram deste novo Islã. Sociedades religiosas apareceram em todos os lugares.

A atividade Pro-curdo foi proibida, e, segundo Henife, dezenas de seus amigos foram presos e torturados. Alguns foram mortos por seus torturadores. Narziye Keçe foi preso em 2004 e desapareceu sob custódia do estado.

As pessoas começaram a temer a atividade política. Henife diz que as organizações islâmicas cresceram para preencher a lacuna, quando as pessoas ficaram com medo de organizar a luta de libertação curda e as detenções do estado. Para as mulheres resultou em mais repressão no nível das famílias, onde mulheres ativas foram ameaçadas a serem jogadas para fora de casa ou com o divórcio, caso permanecessem ativas na luta.

Mas, segundo Henife, nunca deixaram de se organizar, formando a organização Tevgera Jinan (Movimento de Mulheres) em 2005. Organizadoras formaram parlamentos locais e comitês em cada cidade, mesmo quando a participação foi baixa, inclusive por meio de Tevgera Azad (Movimento Livre). Este nível de organização continuou até a revolução de 2011.

Com o período de 2010-2011 veio uma explosão de atividade e organização. O primeiro Congresso de TEV-DEM, teve a decisão de abertura das casas de mulheres em cada cidade, a decisão da organização das mulheres Yekitiya Star, foi de organizar-se em discussões de base — parlamentos de discussões e decisões importantes tiveram lugar um após o outro. Comitês foram organizados para cuidar da educação, imprensa, relações públicas e econômicas, e, mais recentemente, as Academias Femininas, criadas em 2012.

As mulheres foram a chave para tudo isso, tendo papel importante e organizando-se durante o período da revolução. As mulheres eram parte dos Conselhos revolucionários e órgãos de decisão.

O sistema de co-presidente, no qual cada posição tem dois representantes (um homem e uma mulher), foi implementado nos parlamentos locais e comunas. Um cota de 40% para as mulheres também foi implementado. “Nestes desenvolvimentos de maior participação popular, as mulheres tinham um papel de liderança na sociedade”, disse ela. Yekitiya Star tornou-se um espaço para as mulheres. No início da revolução, as mulheres estavam participando do PYD, onde o sistema de co-presidente estava em asayış.

Yekitiya Star começou a dar suporte para o YPG. Depois as mulheres se organizaram como o YDH em segredo, e então, formaram o YPJ. Kobane tornou-se um exemplo para as mulheres de Rojava e do mundo, com sua mais famosa mártir sendo Arîn Mîrxan, que se sacrificou para a cidade. “O que libertou Kobane foi o espírito do camarada Arîn” e aqueles como ela, disse Henife.

No governo de Rojava, as mulheres resolvem seus próprios problemas. Ministra de mulheres Hiva Irabu diz que o Ministério foi uma das primeiras instituições fundadas após a declaração de autonomia no Cantão de Cizîre. Somente mulheres no Ministério — o primeiro no mundo.

“Quando começamos a trabalhar, analisamos e pesquisamos experiências em muitos países, mas não conseguimos encontrar um Ministério formado especificamente para resolver os problemas das mulheres,” disse Hiva. “Começamos os projetos nas áreas de interesse para as mulheres: economia, política, educação, desenvolvimento, violência contra as mulheres, a cultura, a lei.” Muitos projetos realizam-se em colaboração com grupos do movimento de mulheres.

“ Fizemos um relatório sobre as mulheres que sofreram violência e que vieram para as casas de mulheres,” disse ela, “ Como resultado, começamos os projetos de solidariedade e abrigos de mulheres. Mulheres em perigo de morte vivem aqui. Também temos projetos para ajudar a resolver os problemas econômicos das mulheres que vivem em abrigos.”

O Ministério reuniu um conjunto de estatísticas não disponíveis anteriormente sobre as mulheres por meio de pesquisa em Cantão de Cizîre . Além da população total de mulheres, as estatísticas também registraram o número de mulheres que sofreram violência, a poligamia, o casamento infantil; que estão em dificuldades econômicas; que se divorciaram; e que são deficientes. Segundo a pesquisa, houve 2.250 casos de violência contra a mulher em 2004.

Agora, o Ministério tem ajudado no desenvolvimento de uma lei que tome medidas contra uma variedade de formas de violência contra as mulheres, do casamento infantil, poligamia, deserção de mulheres e a troca noiva e a violência doméstica. Essas práticas variam entre os diferentes grupos em Rojava, como a poligamia (por exemplo) generalizada entre os cidadãos árabes, presentes entre curdos e ausente entre assírios e sírios.

Foco principal em 2015 do Ministério é a atividade econômica. O Ministério planeja treinar mulheres com habilidades que elas já têm, então elas poderão se sustentar sem depender de parentes do sexo masculino. Outro projeto cria centros para crianças deficientes e juventude.

Revda Hesên, co- prefeita da cidade de Qamişlo, no Cantão de Cizîre, têm visto as mulheres tomar seus lugares em uma variedade de projetos desde o início da revolução em Rojava, há três anos — incluindo os membros da equipe de 30 mulheres no governo municipal. Mulheres dirigem uma série de projetos municipais direcionados só para mulheres. Zin Xelil, da força de Asayîş (manutenção da paz) do governo da cidade, diz que as mulheres desempenham um papel importante na defesa da cidade. Ela diz que a autodefesa da revolução liderada por mulheres Rojava é crítica.

Luta do YPJ para a autodefesa das mulheres em todas as áreas da vida Meryem Kobane, uma comandante da YPJ, tem sido parte da resistência Kobane desde o início.

“Não há nada na natureza sem mecanismos para a sua própria autodefesa”, diz Meryem do projeto de autodefesa das mulheres. Ela diz que a dominação das mulheres não é natural. Militarismo e exploração começaram com o sistema tribal e a ideia de que as mulheres não podem tomar parte na defesa da comunidade, mas só podem servir os homens, mas o Estado formalizou essa mentalidade, diz ela.

“Ao longo da história, como as mulheres são descritas? “Sua natureza opõe-se à guerra”. Sim, é claro que isto é verdade, mas para as guerras de dominação. Mas autodefesa é diferente.” Ela observou que a legítima defesa é uma propriedade fundamental e natural. A guerra é uma arte, diz, e as mulheres em particular, abordam dessa forma.

“Dizem as mulheres, “você não tem força de vontade, você não são fortes, você não podem ser uma liderança, você não podem proteger suas próprias vidas. “As mulheres tomaram parte em muitas revoluções na história, mas seu papel sempre foi suprimido”.

Ela observou que houve algumas dificuldades para as mulheres no início da defesa de Kobane, apesar da longa história de luta das mulheres em Rojava e no Curdistão em geral.

“Um número de camaradas da resistência Kobane, incluindo os mártires Sozdar e Roza, queriam as posições YPJ para ser separado dos homens — porque nossos pais e irmãos nos disseram ‘não podem fazer isso’, disse Maryem. Mas as mulheres lutaram contra os homens que lhes disseram que não tinham nada na frente. Agora, seu papel é famoso. Mulheres mártires como Viyan e Peyman, deram suas vidas para Kobane. Mulheres do YPJ têm estado na vanguarda da guerra em locais como Serêkaniye e Efrîn.

“O Daesh fez uma maratona de Mosul para cá, mas eles foram parados em Kobane”, disse. Sentiram a necessidade de mostrar que as mulheres geradas na filosofia de Abdullah Öcalan nunca iriam desistir, disse ela “, enquanto houvesse um curdo ainda vivo, Kobane não iria cair.”

As mulheres não estão apenas resistindo na guerra, de acordo com Meryem, mas na vida cotidiana. “Em qualquer lugar na sociedade que há um grupo que quer resistir a sua própria exploração, deve haver um mecanismo de autodefesa — em cada rua, cada casa, cada local de trabalho.

“Por exemplo, as mulheres que trabalham em fábricas tem que se organizar. Elas precisam se reunir regularmente e se houver um ataque a uma mulher, elas precisam se unir.” Meryem disse que a solidariedade feminina contra a exploração econômica e todas as outras formas de exploração precisa ser um reflexo de base.

“As mulheres são empurradas para a prostituição, como se elas não tivessem outra opção. As mulheres estão sendo apedrejadas quando elas próprias são vítimas de estupro. Estamos dizendo que há outra forma de viver. E a solução não é só as armas.

“A luta começa com o conhecimento de si mesmo,” disse Meryem, salientando a importância da educação na luta do YPJ. “Nós avisamos os camaradas para que viessem até nós para aprender tudo o que eles queriam, incluindo como usar armas. Sua mente precisa estar aberta a tudo”, disse. Desde o início, o estudo da filosofia de Abdullah Öcalan tem sido crucial para os esforços das mulheres para se organizar.

Meryem diz que, estupro, apedrejamento, rapto, feminicídio e outros crimes contra mulheres aumentam na ausência da autodefesa. Em Dera Zor, 700 mulheres e crianças foram decapitadas diante dos olhos do mundo. Crimes contra a humanidade, como a campanha de Anfal de Saddam Hussein e do ataque Daesh em Shengal foram evitadas em Rojava somente graças à luta dos mártires. Ela observou os nomes das mulheres muitas mártires que se sacrificaram nas fileiras da frente: Revan, Gulan, Ozgur, Roza e outras milhares que deram suas vidas para viver livremente suas identidades. A história está cheia de mulheres que lutaram, de acordo com Meryem, de Rosa Luxemburgo a Leyla Qasim e as três militantes curdas mortas em Paris. Meryem saudou as mulheres que continuam sua luta nas ruas no 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Ela cumprimentou particularmente as mulheres que vão se reunir em Nusaybin, no norte do Curdistão na Marcha Mundial das Mulheres.

“As mulheres têm que se unir” disse. Ela diz que espera um dia para ver uma Assembléia Internacional de Mulheres.

Mulheres Curdas: “A resistência é a vida”

Dilar Dirik

Traduzido por Luis Leiria

<http://www.esquerda.net/artigo/mulheres-curdas-resistencia-e-vida/34968>

Nesta entrevista, a ativista e investigadora Dilar Dirik destaca o projeto político de emancipação radical que está em curso na região de Rojava e defende que as mulheres continuem a levantar a bandeira da revolução sem pôr em perigo a libertação das mulheres.

Recentemente surgiram notícias nos meios de comunicação sobre o que está a ocorrer em Kobane, sobre a resistência curda contra o Estado Islâmico (EI). Vemos imagens de mulheres das Unidades de Defesa de Mulheres (YPJ) a lutar nesta região. Apesar da surpresa que suscitaram as fotografias, não se deu muita atenção à análise de como ou de onde surgem estes grupos. Dilar Dirik é ativista no Movimento de Mulheres Curdas e investigadora sobre Curdistão e o movimento de mulheres. A entrevista foi realizada por Marta Jorba e Maria Rodou (feministas do coletivo Gatamaula, Barcelona).

Qual a sua opinião sobre a forma como este tema foi tratado?

Depois da ascensão do Estado Islâmico, o mundo deu-se conta de que há mulheres a lutar no Curdistão. Muitas pessoas que desconheciam o que ocorria nesta região surpreenderam-se ao saberem que as mulheres de uma sociedade que é vista como conservadora e dominada pelos homens lutem e até derrotem esta organização brutal. Os média capitalistas, e até as suas revistas de moda, apressaram-se a apropriar-se e a instrumentalizar a luta legítima destas mulheres como se fosse uma espécie de fantasia “sexy” ao estilo ocidental. Têm centrado o seu interesse em elementos muito superficiais como “os combatentes do Estado Islâmico temem as mulheres curdas porque se uma mulher os mata não vão para o céu”. Mas ignoram que este é um tema profundamente complexo e que há algo mais do que a luta armada neste conflito. O que há é um projeto político de emancipação radical.

Quem forma as YPJ e qual é seu papel no conflito?

As YPJ são as forças de defesa das mulheres, mas há uma luta bem mais ampla que vai para além do campo de batalha. Yekîtiya Star é a organização guarda-chuva do movimento de mulheres em Rojava (Curdistão ocidental / norte da Síria). Nos três cantões de Rojava “no meio da guerra” são cumpridas as normas de copresidência [todos os cargos são compostos por uma mulher e um homem], de quotas, e criaram-se unidades de defesa das mulheres, conselhos de mulheres, academias, tribunais e cooperativas. As leis têm como objetivo eliminar a discriminação de género. Por exemplo, os homens que exercem violência contra as mulheres não podem ser parte da administração. Um dos primeiros atos do governo foi a criminalização dos casamentos forçados, a violência doméstica, os assassinatos por honra, a poligamia, o casal infantil, e o “preço da noiva”. Não surpreende que muitas mulheres árabes, turcas, arménias e assírias se unam às fileiras das organizações armadas e às administrações em Rojava. O objetivo é assegurar-se de que a sociedade interiorize o facto de que a libertação das mulheres é um princípio básico para a libertação e a democracia, em lugar de ser de exclusiva responsabilidade das mulheres. A revolução tem de mudar a mentalidade patriarcal da sociedade. Caso contrário, a história repetir-se-á e as mulheres, que participaram ativamente na revolução, irão perder todo uma vez se consiga a “libertação”. Foi isto que aconteceu a muitas mulheres noutros lugares do mundo. Por isto, o conceito de revolução deve incluir ativamente 50% da população, se pretende conseguir uma liberdade verdadeira.

Que relações há entre as Unidades de Defesa das Mulheres (YPJ) e as Unidades de Defesa do Povo (YPG)?

Ambos grupos são forças de defesa legítima de Rojava e estão vinculados entre si. O YPJ (Unidades de Defesa das Mulheres) não se subordina ao YPG (Unidades de Defesa do Povo); é um grupo só de mulheres que se organiza de forma autónoma e leva a cabo operações militares e treinos de forma independente. Mas nem todas as mulheres devem aderir ao YPJ, já que os grupos não são segregados por géneros. Ambos centram-se na educação ideológica e política, mas o YPJ põe muita ênfase na educação e no empoderamento das mulheres.

Quais são as consequências dos ataques atuais para a construção do projeto político em Rojava? E especialmente para as mulheres e a luta pela libertação de género?

Infelizmente, devido à intensidade da guerra, muitos dos projetos não podem funcionar como deveriam. A revolução em Rojava é ideologicamente próxima ao PKK e o sistema que está a ser estabelecido ali baseia-se no conceito de “Confederalismo Democrático”, que promove um autogoverno local radical e de base, com igualdade de género e ecológico, que questiona as fronteiras arbitrárias existentes. Mas agora em Kobane toda a cidade está mobilizada para a guerra.

No entanto, no cantão de Cizîre, que é o maior e mais estável dos três cantões, apesar da guerra foram criadas muitas cooperativas, escolas, conselhos, academias e estruturas autónomas de mulheres. Por exemplo, em setembro de 2014, em Qamishlo foi criada a Academia de Ciências Sociais da Mesopotâmia.

Os embargos económicos e políticos da guerra puseram em perigo alguns elementos sociais da revolução. Mas isso obriga as pessoas a encontrarem soluções criativas para os seus problemas. Quando sofremos os embargos, as pessoas dedicam-se ainda mais à agricultura e às cooperativas e comunas de trabalho. Mas, evidentemente, a crise dos refugiados, a guerra, os deslocamentos, o trauma e os embargos fazem que seja muito difícil implementar as ações de autonomia democrática como se pretendia.

Apesar da atenção mediática atual a estes últimos acontecimentos, podes explicar-nos qual era a situação anteriormente?

Este ataque a Kobane é na realidade o último de vários ataques deste ano. O EI atacou Kobane várias vezes devido à importância estratégica e simbólica que tem. Durante dois anos, os curdos em Rojava têm lutado tanto contra o regime de Assad [Presidente de Síria] quanto contra as forças radicais islamistas, como a al-Nusra ou o EI. Mas a sua luta foi completamente ignorada até agora.

Os curdos há anos que advertem o mundo sobre o perigo do EI e acusam a Turquia, a Arábia Saudita e o Qatar de apoiar os jihadistas na Síria. O filho de Salih Muslim, o copresidente do Partido da União Democrática (PYD) em Rojava, morreu a lutar contra o EI em 2013. E isto foi um ano antes de o mundo tomar conhecimento da existência do EI. Muslim tentou falar com diferentes atores internacionais, mas rejeitaram as reuniões e até de lhe conceder os vistos. Apesar destes ataques, os curdos também foram excluídos da

conferência de paz de Genebra II. Mas os mesmos estados que antes apoiavam os jihadistas são agora parte da coligação contra eles. E, uma vez mais, foram os curdos que lutaram sozinhos em Kobane. Durante um mês, o mundo previu que “Kobane cairá a qualquer momento.” Mas Kobane continua de pé graças a uma resistência extraordinária e graças à politização das pessoas. Os últimos ataques aéreos ajudaram, mas não teria sido possível resistir sem as pessoas que ficaram ali lutando.

E qual é o papel da Turquia no conflito?

Foi dito em várias ocasiões que a Turquia, com o fim de derrubar Bashar al-Assad e enfraquecer a autonomia curda na Síria, apoiou os jihadistas na Síria de forma económica, militar, logística e política. E se pôde fazer isto é porque é um importante aliado da NATO na região.

O mundo surpreendeu-se ao ver como o exército turco na fronteira podia literalmente ver os combatentes do Estado Islâmico mas não fazia nada. O Presidente de Turquia, Recep Tayyip Erdogan, estabeleceu mesmo condições para o apoio a Kobane: deveria criar-se uma zona neutra no norte de Síria “basicamente uma ocupação turca em Rojava. Além disso, os curdos deveriam unir-se à oposição sírio-árabe, e o Partido da União Democrática deveria distanciar-se do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, PKK.

Evidentemente, estas condições são inaceitáveis para os curdos, que têm lutado durante dois anos por criar e defender a região. Estas condições eram também um abuso imoral da situação de desespero em Kobane. Salih Muslim respondeu afirmando que os curdos lutavam contra o regime sírio em Rojava e que se tinham oposto a ele desde o ano 2004: “Estávamos a ser torturados enquanto vocês jantavam com Assad”.

A Turquia sempre quis mostrar-se como vítima, recusando-se a participar na luta contra o EI. Mas, nesta guerra, a Turquia não é uma vítima e sim um agente ativo. Erdogan impulsionou esta zona neutra durante muito tempo. Antes, queria-a “para lutar contra Assad”. O que está claro é que a sua prioridade é destruir Rojava e não o Estado Islâmico.

Mediante o apoio a Kobane, ou pelo menos sem atacar aqueles que querem defendê-la, Erdogan tinha a oportunidade de demonstrar que era sincero a respeito do processo de paz com o PKK. Mas, pelo contrário, autorizou ataques contra os curdos que cruzavam a fronteira para defender Kobane, e bombardeou o PKK, que está vinculado às forças curdas na Síria, as quais ganharam reputação internacional ao serem o inimigo mais forte do Estado Islâmico. Com estas ações, Erdogan não só ajudou indiretamente e facilitou

mais ataques do EI a Kobane, como também utilizou o estado de sítio como a sua oportunidade de ouro para enfraquecer o povo curdo, mostrando de maneira dramática a completa falta de interesse na paz com o PKK.

Representantes do governo da Turquia afirmaram que o PKK e o Estado Islâmico são o mesmo. Com as suas ações, Erdogan dá a entender que o projeto democrático de base, com igualdade de género e inclusivo da região é uma ameaça “terrorista” maior que o EI – que decapita, crucifica, e viola sistematicamente a mulheres e as vende como escravas sexuais.

Os confrontos entre os curdos e os grupos racistas e islamistas, bem como com a polícia na Turquia, mataram já muitas pessoas. Os curdos não querem que o exército turco intervenha. Querem que a Turquia deixe de apoiar o Estado Islâmico, que abandone o plano da zona neutra e que permita que os ativistas e as ajudas possam cruzar a fronteira e ir para Kobane.

Se o processo de paz terminar, se o Estado Islâmico cometer um massacre em Kobane, se mais pessoas morrerem em confrontos nas ruas de Turquia, os curdos, com razão, culparão Erdogan e o seu governo – mas também a inação da comunidade internacional, que evita o conflito com o Estado turco num momento em que apoia os jihadistas.

Há numas semanas estive, junto com algumas pessoas em greve de fome na Alemanha em solidariedade com a resistência de Kobane. Que tipo de apoio receberam? E que tipo de apoio está a receber atualmente o Curdistão?

Durante a nossa greve estivemos em contacto com a imprensa e os partidos políticos com o fim de chamar a atenção sobre Kobane. Tivemos uma reunião bastante bem sucedida no parlamento do estado de Hesse (Hessischer Landtag) em Wiesbaden com membros do Die Linke e do Partido Social-democrata (SPD). Batemos à porta dos diferentes gabinetes de imprensa para instá-los a cobrir a ameaça de genocídio em Kobane de forma a levarem em conta a complexidade da situação, incluindo a marginalização internacional dos curdos em Rojava e o papel do Estado turco em relação ao crescimento do Estado Islâmico. Falamos com eles sobre a situação e demos muita informação. Pusemos especial ênfase na guerra do Estado Islâmico contra as mulheres, que utiliza a violência sexual como ferramenta sistémica de guerra. Muito cedo, tanto a nossa greve de fome quanto a batalha por Kobane foram cobertas pelos meios de comunicação com que nos reunimos.

Os membros do parlamento do estado expressaram a sua solidariedade com o povo em Kobane e prometeram insistir no parlamento sobre a necessidade urgente de apoiar a resistência curda e condenar as políticas do Estado turco. Também querem uma melhoria das políticas em relação aos refugiados na Europa. Neste sentido, avaliamos a nossa greve de fome como um grande sucesso. Terminámos a nossa greve de fome, mas continuam as ações como ocupações espontâneas, manifestações, palestras, etc. Durante a nossa greve, foram ocupados edifícios do Parlamento, sedes de partidos, aeroportos, estações de comboio e as embaixadas turcas e dos EUA. Os curdos na Europa encontram-se num estado de emergência. Assim, em resumo, esta greve de fome foi só uma das muitas ações realizadas. Ao mesmo tempo, no Curdistão começaram os levantamentos populares, retiraram-se as valas nas fronteiras, substituíram-se as bandeiras do estado por bandeiras curdas nos postos fronteiriços, e ocuparam-se as ruas, os parlamentos, as sedes de imprensa, as embaixadas e os aeroportos em todo o mundo em questão de horas. Esta é só uma pequena mostra das capacidades de mobilização do movimento curdo.

Hoje em dia há muita solidariedade e simpatia com o povo curdo em general. No entanto, queremos assegurar-nos de que esta repentina preocupação não é só devida à luta contra o Estado Islâmico. É muito fácil, e conveniente para certos poderes, apropriar-se da luta em Kobane para as suas próprias agendas. Mas como Salih Muslim e outros disseram: os curdos não serão mercenários de ninguém. Acabou-se a luta pelos demais. Se as pessoas realmente quiserem apoiar a longo prazo estruturas democráticas seculares, devem empreender ações políticas radicais, como o reconhecimento dos cantões de Rojava e das suas forças de defesa, bem como a eliminação do PKK da lista de organizações terroristas.

Como acha que outros movimentos políticos do mundo poderiam ajudar?

Os outros movimentos podem fazer muitas coisas. Por exemplo, poderiam utilizar as suas redes e contactos para mobilizar as pessoas por Kobane. Podem instar os seus partidos políticos, meios de comunicação e governos a pressionar a Turquia e por sua vez apoiar a administração de Rojava e a sua luta contra o EI. Além disso, é preciso ajuda humanitária urgente em forma de alimentos, roupa, mantas, livros, etc.

Também podem partilhar as suas próprias experiências e perspectivas para ajudar a que Rojava tenha sucesso a longo prazo. Poderiam organizar delegações para visitar a região e começar a aproximar-se das propostas teóricas do sistema alternativo que está a ser estabelecido em Rojava.

Na sua opinião, o que os feminismos poderiam ou deveriam aprender sobre a luta das mulheres curdas?

Há muitas coisas que se podem aprender da experiência de Kobane, de Rojava e da luta das mulheres curdas. Para a esquerda, teria de ser um toque de atenção, para se dar conta de que não se mobiliza há tempos. A direita foi muito rápida a apropriar-se da luta legítima em Kobane e instrumentalizá-la a favor das suas agendas racistas, islamófobas ou imperialistas. Os debates ideológicos internos da esquerda supõem um peso para o povo de Kobane, que não teve o luxo de poder debater a respeito da moralidade do comércio de armas porque foi assediado por assassinos radicais decididos a cometer um genocídio.

Sobretudo para as feministas, esta resistência deve proporcionar novas perspectivas sobre as diferentes maneiras como as mulheres, especialmente numa região tão feudal-patriarcal, podem emancipar-se. As mulheres em Rojava não só levam a cabo uma guerra contra o EI, como também, paralelamente, também levam a cabo uma revolução social. Os meios de comunicação de massas fazem caricatura da luta destas mulheres como uma fantasia sexy ocidental e capitalista, mas a verdade é que estas mulheres estão a liderar uma luta radical que pode desafiar o status quo para além do estado de sítio imposto pelo EI. Em muitos sentidos, esta luta das mulheres de Rojava rompeu os estereótipos orientalistas das mulheres do Médio Oriente como pobres vítimas que estão perdidas. Mas talvez o mais importante é que o mundo aprendeu uma coisa: que há esperança mesmo quando se está completamente rodeado pela escuridão da bandeira do EI. Que outro mundo é possível.

Esta fortaleza deve reavivar a esperança num Médio Oriente rasgado pelas guerras injustas, pelas tensões étnicas e pelo sectarismo. A democracia independente e a paz sustentável são possíveis. A liberdade não é uma utopia. E tem-se visto que ter de escolher o “mal menor” não é a única opção, ao contrário do que o contexto da Primavera Árabe fazia crer.

Como achas que será a situação dentro de um ano? E em dez anos?

É muito difícil fazer uma previsão já que, há um ano, ninguém teria dito que o EI se converteria numa preocupação mundial, que os yazidis viveriam outro genocídio ou que Kobane entraria na história pela sua heroica luta. Mas acho que nas últimas semanas o mundo deu-se conta de várias coisas, como da verdadeira face da Turquia. Assim, não posso prever nada, mas posso dizer o que espero.

Espero que a administração de Rojava seja reconhecida sem ser cooptada pelas potências hegemônicas. Espero que as comunidades étnicas e religiosas, após esta guerra, ainda sejam capazes de se olhar nos olhos. Espero que as mulheres continuem a levar a bandeira da revolução sem pôr em perigo a libertação das mulheres. Mas para que isto ocorra, todos temos de nos esforçar mais para apoiar esta revolução.

Se uma mulher das que hoje estão a lutar em Kobane pudesse enviar uma mensagem para ser ouvida em todo mundo, que diria?

Não quero falar “em nome” das valentes mulheres que lutam em Kobane, porque justamente agora muita gente está a tentar falar em nome delas. Em vez disso, posso resumir o que muitas delas estão a dizer:

Que a sua luta vai bem mais além da guerra contra o Estado Islâmico. Que estão a lutar por uma sociedade livre na qual as diferentes comunidades étnicas ou religiosas cooperem, na qual as mulheres sejam livres. Elas estão a defender os direitos das mulheres em todos os lados.

Durante a nossa greve de fome, recebemos um telefonema de Kobane. Em lugar de sermos nós a dar ânimo a elas, foram elas que reagiram primeiro e tentaram animar-nos, enviando-nos as suas saudações e solidariedade!

Assim, para além das palavras, o povo de Kobane e especialmente as mulheres, com as suas ações e a sua valentia, já nos disseram muitas coisas. Mostraram-nos o verdadeiro significado de um lema popular curdo: “Berxwedan Jiyane” – “A resistência é a vida”.

Dilar Dirik é ativista no Movimento de Mulheres Curdas e pesquisadora sobre o Curdistão e o movimento de mulheres.

Municipalismo Libertário

(*Murray Bookchin*)

<http://www.cedap.assis.unesp.br/cantolibertario/textos/0081.html>

Traduzido e publicado por: Canto Libertário

Local de trabalho e comunidade são os pólos em que se tem centrado, ao longo da história, a teoria e prática social radical. Com o aparecimento do Estado-Nação e da revolução industrial, a economia adquiriu proeminência sobre a comunidade, não só na ideologia capitalista como também nas várias modalidades de socialismo libertário e autoritário surgidas no século passado. Esta mudança de tônica do pólo ético para o econômico foi de enorme alcance, conferindo aos diversos socialismos inquietantes atributos burgueses. Tal evolução foi particularmente nítida no conceito marxista de emancipação humana através do domínio da natureza, projeto que implicando o domínio do homem pelo homem, justificava o aparecimento da sociedade de classes como condição prévia dessa emancipação.

Infelizmente, a ala libertária do socialismo não propôs com a necessária coerência, o primado da moral sobre o econômico, provavelmente em razão do nascimento do sistema de fábrica (lugar clássico da exploração capitalista) e do proletariado industrial como agente de uma nova sociedade. O próprio sindicalismo revolucionário, apesar de todo o seu fervor moral, concebeu a organização social sindicalista pós-revolucionária nos moldes da sociedade industrial, o que testemunha bem a mudança de tônica do comunitarismo para o industrialismo, dos valores comunitários para os da fábrica. Obras que gozaram de prestígio quase sagrado no meio sindicalista revolucionário, como “O organismo econômico da revolução” de Santillan, exaltam o significado da fábrica e do posto de trabalho, para não falar já do papel messiânico do proletariado. Todavia, o local de trabalho (a fábrica na sociedade industrial) foi, ao longo da história, não só lugar de exploração, mas de subordinação hierárquica. Não serviu para “disciplinar”, “unir” e “organizar” o proletariado para mudança revolucionária mas, pelo contrário, para acostumar à obediência. O proletariado, como qualquer setor oprimido da sociedade, liberta-se abandonando os hábitos industriais e participando ativamente na vida comunitária.

Da Tribo à cidade

O município é espaço econômico e espaço humano de transformação do grupo quase tribal em corpo político de cidadãos. A política – gestão da cidade (polis) – tem sido desvirtuada em governo do estado tal como a palavra polis tem sido impropriamente traduzida por estado. Esta degradação da cidade em estado repugna aos antiautoritários, dado que o estado é instrumento das classes dominantes, monopólio institucionalizado da violência necessária para assegurar o domínio e a exploração do homem pelo homem. O estado desenvolveu-se lentamente a partir de base mais ampla de relações hierárquicas até se converter no Estado-Nação e, mais modernamente, no estado totalitário. Por outro lado, a família, o local de trabalho, as associações, as relações interpessoais e, de modo geral, a esfera privada da vida, são fenômenos especificamente sociais, distintos do âmbito estatal. O social e o estatal misturam-se; os despotismos arcaicos não foram senão ampliação da estrutura familiar patriarcal e, na atualidade, a absorção do social pelo estado totalitário nada mais é que o alargamento da burocracia a esferas não meramente administrativas. Esta mistura do social e do estatal apenas prova que os modos de organização social não existem em formas puras. A “pureza” é termo que só pode ser introduzido no pensamento social a expensas da realidade concreta. A História na apresenta a categoria política como forma pura, assim como não oferece qualquer exemplo de relações sociais não hierárquicas (acima do nível do bando ou aldeia) ou de instituições estatais puras (até época recente). O aparecimento da cidade abre espaço a uma humanidade universal distinta da tribo agro-pastoril, a um civismo inovador distinto da comunidade fechada na tradição e que exprime na gestão da polis por um corpo de cidadãos livres. Aproximações a uma política não estatal encontram-se na democracia ateniense, no town meetings da Nova Inglaterra ou nas assembléias de seção da comuna de Paris de 1793,. Experiências por vezes duradouras, por vezes efêmeras, que embora inquinada por traços opressivos característicos das relações sociais do seu tempo, permitem conceber um modelo político não parlamentar (burocrático e centralizado), mas cívico.

A Cidade e a Urbe

A era moderna caracteriza-se pela urbanização, degradação do conceito de cidade (civitas, corpo político de cidadãos livres) em urbe (conjunto de edifícios, praças, isto é, o fato físico da cidade). Os dois conceitos foram distintos em Roma até a época imperial e é elucidativo que a sua confusão corresponda ao declínio da cidadania. Os Gracos tinham procurado transformar a urbe em cidade, dar primazia ao cidadão, ao político sobre o econômico. Fracassaram e, sob o império, a urbe devorou a cidade.

A distinção entre os conceitos de cidade e urbe encontra-se em outros países como a França, onde Rousseau já assinalava que “as casas fazem o aglomerado urbano (ville) mas só os cidadãos fazem a cidade (cité)”. Vistos como simples eleitores ou contribuintes – quase um eufemismo para súditos – os habitantes da urbe tornam-se abstrações, meras criaturas do estado. Um povo cuja única função política é eleger deputados não é, de fato povo, mas “massa”. A política entendida como categoria distinta do estatal, implica a reencarnação das massas num sistema articulado de assembléias, a constituição de um corpo político atuando num espaço de livre expressão, de racionalidade comum e de decisão radicalmente democrática. Sem autogestão nas esferas econômicas, ética e política, não será possível transformar os homens de objetos passivos à sujeitos ativos. O espaço cívico (bairro, cidade) é o berço em que o homem se civiliza e civilizar é sinônimo de politizar, de transformar a “massa” em corpo político deliberativo, racional e ético. Formando e fazendo funcionar tais assembléias, os cidadãos formam-se a si mesmos, porque a política nada é se não for educativa e não promover a formação do caráter.

O município não é apenas o local onde se vive, a casa, serviços de higiene e salubridade, de previdência, emprego e cultura. A passagem da tribo à cidade representa uma transformação radical da sociedade primitiva (de caça e colheita) à sociedade agrícola e desta à de manufatura,. A revolução urbana não foi menos profunda que a revolução agrícola ou que a industrial.

Município e democracia direta

Ao exaltar a atividade legislativa e executiva por delegados na comuna de Paris de 1871, Marx prestou um péssimo serviço ao pensamento social radical. Já Rousseau afirmava que o poder popular não pode se delegado sem ser destruído. Ou há assembléia popular dotada de plenos poderes ou o poder pertence ao estado. A delegação deturpou a comuna de Paris de 1871, os soviets e, mais geralmente, os sistemas republicanos em nível municipal e nacional. A expressão democracia representativa é, em si mesma, contraditória. O povo, ao delegar em órgãos que o excluem da discussão e decisão e definem o âmbito das funções administrativas, lança as bases do poder estatal. A supremacia da assembléia sobre os órgãos administrativos é a única garantia da supremacia do cidadão sobre o estado, crucial numa sociedade como a nossa, repletos de peritos que a extrema especialização e complexidade torna indispensáveis. A supremacia da assembléia é particularmente importante no período de transição de uma sociedade administrativamente centralizada para uma sociedade descentralizada. A democracia libertária só é concebível se assembléias populares, em todos os níveis, mantiverem sob a maior vigilância e escrupuloso

controle os seus órgãos federais ou confederais de coordenação.isto não suscita problemas importantes do ponto de vista estrutural. Desde tempos remotos que as comunidades utilizam peritos e administradores sem perda da sua liberdade. A destruição das comunidades teve em geral origem estatal e não administrativa. Corporações sacerdotais e chefes serviram –se da ideologia e da ingenuidade publica, mais que da força, para reduzir primeiro e depois eliminar o poder popular.

O Estado Contra a Cidade

O estado nunca absorveu, no passado, a totalidade da vida social. Fato que Kropotkin assinalou implicitamente em O apoio mutuo, ao descrever a rica e complexa vida cívica das comunidades medievais. A cidade foi a principal força de oposição aos estados imperiais e nacionais, da antiguidade aos nossos dias. Augusto e seus sucessores fizeram da supressão da autonomia municipal a chave da administração imperial romana e o mesmo fizeram os monarcas absolutos da época da reforma. “Abater os muros da cidade” foi uma constante da política de Luis XIII e de Richelieu, política que ressurge em 1793-94, com a progressiva e implacável restrição dos poderes da Comuna pelo Comitê de Salvação Publica robespierrista. A “revolução urbana”, enquanto poder alternativo, isto é, desafio potencial ao poder central, foi uma obsessão do estado ao longo da história. Esta tensão subsiste ainda, como o demonstram os conflitos entre o estado e as municipalidades na Inglaterra e América. Quando a urbanização tiver anulado a vida da cidade a ponto de sta não ter mais identidade, cultura e espaço associativos próprios, as bases para uma democracia terão desaparecido e a questão das formas revolucionárias será mero jogo de sombras. Qualquer perspectiva radical em moldes libertários perderá significado. Por outro lado, é ingênuo supor que assembléias populares (de aldeia, de bairro, de cidade) possam alcançar o nível de uma vida publica libertária sem a existência de um movimento libertário consciente, bem organizado e com programa claro. E este não poderá surgir sem a contribuição de uma intelectualidade radical, vibrante de vida comunitária, como a intelectualidade francesa do Iluminismo, com a sua tradicional presença ns cafés e bairros de Paris. Intelectualidade bem diversa da que povoa academias e outras instituições culturais da sociedade ocidental. Se os anarquistas não reforçarem esse extrato de pensadores em declínio, com vida publica vivaz, em comunicação ativa com o ambiente social, terão de enfrentar o risco de uma transformação das idéias em dogmas e de si próprios em herdeiros presunçosos das grandes personalidades vivas do passado.

As Classes Sociais em Reformulação

Pode-se jogar com palavras como município, comunidade, assembléia e democracia direta, negligenciando diferenças de classes, étnicas e de sexo, que fizeram de termos como povo abstrações insignificantes. As assembleias de secção parisienses de 1793 não só estavam em oposição à comuna e à convenção mais burguesas, como eram, internamente campo de batalha entre assalariados e proprietário, democratas e realistas, radicais e moderados. Reduzir esta conflitualidade a meros interesses econômicos é tão incorreto como ignorar diferenças de classe e falar de fraternidade, liberdade e igualdade como se estas fossem meras expressões retóricas, esquecendo sua dimensão populista e utópica. Tanto se escreveu já sobre os conflitos econômicos nas revoluções inglesa, americana e francesa, que os historiadores futuros fariam melhor serviço se revelassem o medo burguês da revolução o seu conservadorismo inato e sua tendência para o compromisso com a ordem instituída.

Mais útil ainda seria revelar como as classes oprimidas da era revolucionária empurraram as revoluções “burguesas” para fora das balizas estabelecidas pela burguesia, para espaços de democracia a que esta sempre se acomodou com dificuldade e suspeição. Os vários “direitos” então alcançados foram-no apesar da burguesia e não graças a ela; graças sim aos agricultores americanos de 1770 e aos sans-culottes parisienses de 1790. E o futuro destes direitos torna-se cada vez mais incerto.

A recente evolução tecnológica, social e cultural e seu desenvolvimento futuro poderá alterar a tradicional estrutura de classes criada pela revolução industrial e permitir que, da redefinição do interesse geral daí resultante, possa emergir novamente a palavra Povo no vocabulário radical. Não como abstração obscurantista, mas como expressão extratos desenraizados, fluídos e tecnologicamente deslocados, não integrados numa sociedade cibernética e automatizada. A estas camadas desprezadas pela tecnologia poderão juntar-se os idosos e os jovens, para que o futuro se apresenta incerto por difícil definição do seu papel na economia e na cultura. Estas camadas já não se enquadram na elegante e simplista divisão de classes correspondente ao trabalho assalariado e ao capital.

O povo pode voltar, ainda, como referência ao interesse geral que se criou em torno de mobilizações públicas sobre temática ecológica, comunitária, moral, de igualdade de sexos ou cultural. Seria insensato subvalorizar o papel crucial destes problemas ideológicos, aparentemente marginais. Há 50 anos, já Borkenau fazia notar que a história do último século mostrava que o proletariado podia enamorar-se mais do nacionalismo que do socialismo e ser mais facilmente conduzido pelo interesse patriótico que

pelo de classe. Note-se também que a ideologia como o cristianismo e o islamismo ainda hoje mantém frente a ideologia sociais progressistas, nomeadamente ecológicas, feministas, étnicas, morais e contraculturais em que navegam elementos pacifistas e de cariz anárquico que aguardam ser integrados numa perspectiva coerente. Estão a desenvolver-se à nossa volta novos movimentos sociais que ultrapassam as tradicionais fronteiras de classe. Deste fermento pode nascer um interesse geral mais amplo pela sua finalidade, novidade e criatividade que os interesses economicamente orientados do passado.

A Comunidade e a fábrica

O “1984” Orwelliano traduz-se hoje pela megalópole de um estado muito centralizado e de uma sociedade profundamente institucionalizada. É nosa obrigação tentar opor a esta evolução social estatizante a ação política municipal. A revolução tradus-se sempre pelo aparecimento de um poder alternativo – sindicato, soviete, comuna – orientado contra o estado. O exato atento da história mostra que a fábrica, produto da racionalização burguesa, deixou de ser o local da revolução. Os operários mais revolucionários (espanhóis, russos, franceses e italianos) pertenceram sobretudo a estratos em transição, estratos agrários tradicionalmente em decomposição submetidos ao impacto corrosivo de uma cultura industrial. A luta operaria de hoje, que reflete os últimos sobressaltos de uma economia em extinção, é sobretudo defensiva, visando conservar um sistema industrial que esta sendo substituído por uma tecnologia de capital intensivo e cada vez mais cibernética. A fábrica deixou de ser o reino da liberdade (de fato foi sempre o reino da necessidade, da sobrevivência). Ao seu nascimento opuseram-se os setores artesanais, agrícolas e, em geral, o mundo comunitário. Obcecados pela idéia de socialismo científico e pela ingênua concepção de Marx e Engels, segundo a qual a fábrica servia para disciplinar, unir e organizar o proletariado, muitos radicais ignoraram o seu papel autoritário e hierarquizado. A abolição da fábrica e sua substituição por uma ecotécnica (caracterizada por trabalho criativo e aparelhos cibernéticos projetados para responder às necessidades humanas) é auspiciosa na perspectiva do socialismo libertário.

A revolução urbana desempenhou um papel bem diferente do da fábrica. Criou a idéia de uma humanidade universal e da sua socialização segundo linhas racionais e éticas. Removeu as limitações ao seu desenvolvimento decorrentes dos vínculos do parentesco e do peso sufocante do costume. A dissolução do município representaria grave regressão social, pela destruição da vida civil e do corpo de cidadãos que confere sentido ao conceito de política.

Para Um Municipalismo libertário

O anarquismo sempre sublinhou a necessidade de uma regeneração moral e de uma contracultura (no melhor sentido do termo), antagônica da cultura dominante. Daí a importância a.ética, a coerência entre meios e fins e à defesa dos direitos humanos e cívicos contra qualquer forma de opressão e em qualquer aspecto da vida. A idéia de contra-instituição é mais problemática. Vale a pena lembrar que no anarquismo houve sempre a par das tendências individualista e sindicalista, uma tendência comunalista. Esta ultima com forte orientação municipalista, como se depreende das obras de Proudhon e Kropotkin.

Todas as tendências radicais sofrem de certa dose de inércia intelectual, a libertária não menos que a socialista autoritária. A segurança da tradição pode ser suficientemente reconfortante para bloquear qualquer possibilidade inovadora. O anarquismo tem estado obcecado pelo problema do parlamentarismo e do estatismo, preocupação historicamente justificada mas que pode conduzir a uma mentalidade de estado de sítio, de cariz dogmático.

O municipalismo libertário pode ser o ultimo reduto de um socialismo orientado para instituições populares descentralizadas. É curioso que muitos anarquistas que se entusiasma com qualquer chácara coletivizada no contexto de uma economia burguesa encare com desgosto uma ação política municipal que comporte qualquer tipo de eleições, mesmo se estruturadas em assembléias de bairro e com mandatos revogáveis, radicalmentem democráticos. Se anarquista viessem a integrar conselhos comunais, nada obrigaria a que sua politica se orientasse para um modelo parlamentar, sobretudo se confinada ao âmbito local, em oposição consciente ao estado e visando a legitimação de formas avançadas de democracia direta. A cidade e o estado não se identificam. As suas origens são diversas e os seus papeis históricos diferentes. O fato de o estado permear hoje todos os aspectos da vida, da família à fábrica, do sindicato à cidade, não significa que se deva abandonar toda e qualquer forma de relação humana.

Os fantasmas que devemos temer são os do dogmatismo e do imobilismo ritualístico. estes representam para a autoridade sucesso mais completo que o obtido através da coação, pois significariam que o seu controle está próximo de bloquear a capacidade de pensar livre e criticamente e de resistir com as idéias, mesmo quando a capacidade de agir se encontra bloqueada pelos acontecimentos.

Murray Bookchin

Viva a Anarquia!

As Comunas e Conselhos de Rojava

Janet Biehl

Tradução: Mariana Miotto

https://resistenciacurda.wordpress.com/2015/02/03/comunas_e_conselhos_de_rojava/

No Sábado, 6 de Dezembro, a Delegação Acadêmica para Rojava reuniu-se em Qamislo com dois representantes de Tev-dem, o movimento por uma Sociedade Democrática. Abdulkerim Omar e Çınar Salih primeiramente nos deram uma contextualização do pensamento de Rojava sobre Estado e Democracia. Então, eles explicaram a estrutura da democracia auto-governada – as comunas e o sistema de conselhos – e ouviram nossas perguntas. Falando por meio de tradutores, Salih foi quem mais falou.

Nós construímos nossa democracia para que pessoas de várias nacionalidades vivam juntas. Nós somos novos, e cometemos erros, e nós estamos tentando impedir o Daesh [i.e Estado Islâmico] de entrar em Rojava. Outras delegações vieram aqui, mas nos agrada receber vocês aqui. Seu projeto está nos dando esperanças. Ainda não conquistamos a liberdade, mas aprendemos a lutar.

O sistema que estamos vivendo existe há cinco mil anos. Diferentes estágios da história têm dado-o diferentes nomes, mas em seu núcleo tem se mantido o mesmo, e seu pilar principal é o Estado. Isto precisa ser bem compreendido. Nos últimos cem anos as pessoas têm lutado contra o Estado, e elas conseguiram atingir independência historicamente, mas elas não atingiram a liberdade, porque elas não se emanciparam do Estado. Seu conceito de liberdade se encontra dentro dos limites do Estado.

O atual sistema de Estados-Nacionais abriu os portões para a grande crise que estamos vendo. Os Curdos também tiveram um papel nessa região – como nossos amigos arqueólogos descobriram, eles deixaram uma marca na história e na cultura. Nós entendemos enquanto Curdos que nossos problemas não serão resolvidos criando num novo Estado-Nacional. Como podemos superar esse caos com o mínimo de derramamento de sangue possível? Como arrumar uma solução apesar da existência das fronteiras de Estado?

Ao invés de independência de Estado, nós preferimos autonomia. A solução tem de ser mais profunda. O sistema de Estados Nacionais criou grandes prejuízos, então, as pessoas pensam que Árabes, Curdos e Turcos não se dão bem. Esta ideia tem sido reforçada pelo sistema de Estados Nacionais. Foi fixado nos cérebros das pessoas, com péssimas consequências. Isto excluiu condições de coexistência e cooperação entre os povos. Nós estamos lutando para nos livrar desses prejuízos e criar condições para a vida em comum.

Nós acreditamos que o sistema equivale à destruição sistemática das mulheres, e que a autonomia democrática equivale à liberação das mulheres. Por isto nossa revolução de Rojava é uma revolução das mulheres. Em Rojava não existe nenhum lugar na vida no qual as mulheres não tomem papel ativo. Uma das nossas maiores conquistas tem sido quebrar esse dogma predominante no Oriente Médio de que as mulheres são fracas e dependentes [lacking, usado como adjetivo no original], como é expressado de maneiras diferentes como nas leis da Sharia. Mas este é apenas um dos resultados da nossa revolução. Nós acreditamos que uma revolução que não abre caminhos para a libertação das mulheres não é uma revolução. Houveram revoluções na Líbia, Egito e Tunísia – houveram novos governos –, mas o mesmo status para as mulheres persistiu.

Nosso sistema se baseia nas Comunas, constituídas por vizinhanças de 300 pessoas. As Comunas têm co-presidentes, e há co-presidentes em todos os níveis, da Comuna à Administração do Canton*. Em cada Comuna há cinco ou seis comitês. As Comunas trabalham em duas funções. Primeira, elas resolvem problemas rápido e com antecedência – por exemplo, um problema técnico ou um problema social. Alguns trabalhos podem ser feitos em cinco minutos, mas você o banda para o Estado, e fica preso na burocracia. Assim, nós conseguimos resolver problemas rápido. A segunda função é política. Se nós falamos democracia verdadeira, decisões não podem ser tomadas de cima para baixo, elas tem que ser tomadas na base e então subirem os degraus. Há também Conselhos de Distrito [District Councils] e Conselhos Municipais [City Councils], até o Canton. O princípio é “poucos problemas, muitas soluções”.

Então, para que o governo não fique pairando no ar, nós tentamos preencher sua base. Existem perguntas sobre como esse sistema realmente se organiza. Então, vocês podem fazer perguntas.

Q: É um conceito muito interessante, e provavelmente existem tensões e desafios dentro desse sistema. Um é a tensão entre decisões de baixo e necessidades imediatas em nível de todo Canton. Por exemplo, provavelmente vocês têm de decidir de maneira centralizada que vocês precisam construir um moinho para fazer farinha. Ou vocês precisam decidir construir uma refinaria. Estrategicamente, estas coisas altamente importantes. Por outro lado, vocês têm este sistema de baixo para cima vindo das Comunas. Não é útil estabelecer infraestruturas semelhantes e muitas Comunas ou muitas Cidades. Então, vocês precisam de algum tipo de coordenação entre as Comunas e os Conselhos Municipais. Quem os coordena?

Nós também estamos discutindo estes problemas – não existe uma fórmula pronta para aplicar. Falando em números pode ajudar: Qamişlo possui seis distritos diferentes. Cada distrito tem 18 Comunas, e cada Comuna é composta por 300 pessoas.

Agora, cada Comuna possui 2 co-presidentes. E cada Comuna possuem comitês diferentes. Os dois co-presidentes eleitos de cada Comuna se juntam para constituir o Conselho Popular daquele Distrito.

Então, cada um desses Conselhos Populares do Distrito elegem dois co-presidentes. Então, dos 6 distritos de Qamişlo, 12 pessoas constituem o Conselho Popular Municipal. Mas apenas 12 pessoas não podem constituir o conselho – ele deveria ter 200. Então, somado a estas 12 pessoas, as outras são diretamente eleitas. Mesmo que você não esteja num comitê, ou tenha sido eleito numa Comuna, você pode colocar seu nome e potencialmente ser eleito.

O Canto de Cizîre consiste em 12 cidades. Delegados do Conselho Popular do Canton são alocados de acordo com a população. Qamişlo é a maior cidade, então possui mais delegados que outras – possui 20. Eles determinam isso pelo número da população. Os co-presidentes já fazem parte deste grande Conselho; então Qamişlo possui mais 18. Cada Conselho Popular Municipal elege quem irá para o Conselho Popular do Canton. No final você possui um Conselho Popular em nível de todo o Canton. É como um parlamento, mas os laços entre Comunas e Conselhos não cortados.

Q: Cada Comuna vota em delegados que vão para os níveis superiores?

Sim.

Q: Qamişlo possui mais delegados – Quem decide quantos delegados cada cidade possui?

É baseado na população.

Q: De acordo com qual censo?

O que estiver em vigor. Agora, o Conselho Popular do Canton não existe ainda. O censo está sendo feito agora. Mas todas as Comunas nas cidades estão trabalhando nele. Este conselho nem possui um nome ainda – pode ser chamado de parlamento.

Cada Comuna possui comitês, como, digamos, um comitê de saúde, e há comitês similares em níveis acima. Assim é que asseguram que o comitê de saúde da administração do canton tenha conexão direta com as necessidades da Comuna.

Q: Qual é o papel do Tev-Dem?

Tev-Dem coordena e mobiliza pessoas na base e carrega a conexão para o parlamento. Isto garante a conexão da democracia direta ao governo. Ele mobiliza e coordena, mas também senta no parlamento, onde representa os interesses do povo. É uma dupla identidade.

Q: Os Conselhos das Mulheres existem paralelamente aos Conselhos Populares, nos quais as mulheres possuem 40% de representação. Isto existe em todos os níveis, e em todos existe o poder de veto sobre questões das mulheres?

Sim. Os Conselhos das Mulheres existem em todos os níveis, a Comuna, o Distrito, a Cidade e o Canton. Os Conselhos das Mulheres não decidem sobre assuntos gerais – é para isto que existem os Conselhos Populares. Eles discutem questões que são especificamente sobre as mulheres. Se há disputa social, como conflitos interpessoais. Um comitê tenta resolver um problema entre pessoas. O Conselho das Mulheres também possui um comitê como esse. Então, se elas verem neste comitê um problema que importe às mulheres, como uma disputa sobre violência doméstica, e elas discordem do Conselho Popular, e dizem não, o não do Conselho das Mulheres será aceito. Elas têm poder de veto sobre questões referentes às mulheres.

Q: É sempre claro o que são questões das mulheres?

Nós seguimos uma base de caso a caso. Não há fórmula pronta. Sempre que o Conselho das Mulheres veta alguma coisa, esse veto é aceito. Se um problema não pode ser resolvido nos baixos níveis, esses problemas são levados à corte. Mas essas questões, como todas as questões em Rojava, são resolvidas localmente se possível.

*A tradutora referiu utilizar o termo original em inglês da unidade territorial para antecipar possível confusões, mas por analogia com o sistema político brasileiro, o Canton parece equivaler a um Estado Federativo.

Pontes entre o anarquismo e o Confederalismo Democrático

Bruno Lima Rocha

Tradução: Pablo Mizraji
estrategiaeanalise.com.br
19 de fevereiro de 2015

Introdução: discutindo o modelo de partido e estratégia - 1

Desde o início do cerco a Kobane pelo Daesh (ISIS) contra a esquerda curda, e especificamente, o modelo de organização social de Rojava tem sido estudado e seguido por várias organizações, ativistas, redes sociais e estudiosos comprometidos. Decidi por colaborar com o KurdishQuestion.com para produzir uma série de breves artigos para expor (e comprovar) as semelhanças entre a tradição anarquista ocidental (e não ocidental também) e o Confederalismo Democrático. Enquanto uma das minhas áreas concentradas de estudo é a teoria política (e teoria política radical), optei em contribuir na elaboração dos paralelos entre os dois caminhos e familiarizando-os um ao outro. Espero que isso possa ajudar e todas as críticas são bem vindas.

Apresentação:

O modelo de partido anarquista apresentado nesta série não é uma inovação em si mesma para a teoria política e teoria política radical e nem mesmo para a tradição de esquerda. Se os estudos sobre o tema são bastante desconhecidos (ou parecem ser novos ou inexistentes), se este formato de organização política não se tornou um objeto de estudo (ou reconhecido como modelo de partido para a autogestão e de democracia direta), isto se dá justamente devido à correlação de forças dentro do mainstream acadê-

mico, as derrotas sofridas pelos anarquistas classistas desde 1939 e também por causa da ausência de debates no seio da comunidade de esquerda, o espectro acadêmico e da mídia mainstream. Este modelo aproxima os militantes dentro de uma organização política, especificamente aderente a um corpus ideológico-doutrinário (também conhecido como “partido de quadros”). Também porque não é uma proposta de massas, que tem o formato de ser uma associação composta de quadros políticos, sem filiação aberta e cujo grau de compromisso aumenta na medida em que se adentra mais para os Círculos Concêntricos (ver Bakunin). Tal modalidade adquiriu definições na história, tais como: organicismo, plataformismo e especificismo; todos estes são sinônimos da definição do partido anarquista (federação específica).

Introdução ao papel do partido:

O modelo e perspectiva da matriz libertária de esquerda apresentada nesta série representa uma possível aplicação no campo das intenções, motivações normativas e interesses estratégicos na América Latina em geral e no Brasil, em particular. Mas presumimos que, desde que nos conhecemos melhor, as possibilidades de desenvolvimento político será reforçada a partir da experiência real naquela região oeste do Curdistão e o debate interno entre as ideias sob a égide do PKK. É muito interessante compreender que essa missão do partido não é se tornar parte de um poder institucional como Estado-Nação, mas ajudar na construção de uma sociedade baseada na legitimidade de direitos (individuais e coletivos), na autogestão direta, na democracia radical e como quanto mais longe possível do industrialismo e de uma economia centrada no mercado. A hipótese formulada dentro dessa perspectiva de uma verdadeira democracia social é a ação de uma minoria política como unidade de acumulação de força e radicalização democrática a longo prazo. Se compararmos este pressuposto e esta simples definição, poderemos observar muitas semelhanças entre essa perspectiva e um texto escrito pelo companheiro Abdullah Ocalan em 2011:

“Enquanto isso, os Estados-nação se tornaram sérios obstáculos para qualquer desenvolvimento social. O Confederalismo Democrático é o paradigma contrastante do povo oprimido. O Confederalismo Democrático é um paradigma social não-estatal. Ele não é controlado por um Estado. “(Do site PKK, em inglês)

É óbvio que ninguém deve criticar este modelo de partido no sentido de querer competir com posições institucionais dentro de um modelo de Estado-nação, já que sua estratégia está longe disso. Parto do princípio de determinadas condições prévias que estão sempre presentes. Cada “mode-

lo de partido” inclui em sua modelagem as condições e regras pelas quais este partido/organização política são travados e o caminho desta instituição (legal ou ilegal) está disposta a tomar de acordo com os seus objetivos de médio e longo prazo. A fim de ser teoricamente coerente, é necessário apresentar modelos que possam ser testados, mas acima de tudo, que estes modelos sejam aplicáveis de acordo com as hipóteses sugeridas.

Eu estou discutindo a organização política militante e especificamente aderentes a um ‘corpus’ ideológico e doutrinário. Por outro lado, não se trata de uma organização de massas estruturada dentro de quadros, mas que não possui filiação aberta e cujo nível de comprometimento ocorre dentro de círculos concêntricos, aumentando o nível de compromisso de acordo com o poder de votar e ser votado para as funções/papéis principais e atributos na estrutura interna. Esta concepção não pode ser mal interpretada inequivocadamente. Ou, que ninguém deva entender isso como uma espécie de “boas intenções do único partido”, mas como uma concepção estratégica que garanta que os quadros e estruturas partidárias sejam reordenadas em serviço e devam ajudar a construir novas instituições políticas com base em uma sociedade horizontal e igualitária. O fracasso do modelo de partido da URSS ou de outras variações com base na liderança autoritária, centrada no Estado e na industrialismo provam que todo o pensamento de esquerda deve fazer uma grande autocrítica e também reconhecer que as condições materiais devem crescer de forma madura, juntamente com as condições morais, ecológicas e solidárias. Apenas uma estrutura partidária dedicada a esta causa pode manter uma luta a longo prazo, alimentando projetos sociais, como o fez nas lutas sociais de massa na América Latina no início do século 20 e como é hoje em dia com a União das Comunas do Curdistão (KCK) ou especificamente o TeV-DEM em Rojava.

As denominações desta tradição entre o anarquismo

Vou terminar este primeiro breve artigo lembrando a definição do modelo de partido anarquista. Apesar de não ser exclusiva, este tipo de organização é geralmente considerada como típica da ideologia anarquista; um modelo federal e não de massas. Enquanto ela não é um modelo de partido de vanguarda como partidos leninistas clássicos, os quadros do partido devem ser os que reforçam a luta de massas cujo papel concentra-se nas tomadas de decisões das comunas inteiras, o que permite destinar o seu próprio futuro através das assembléias populares. Esta filiação partidária ocorre por meio de círculos concêntricos e com a preparação de militantes que possuem várias funções. Este tipo de modelo adquiriu definições ao longo de sua história, e todos eles também podem ser identificados com esta definição de modelo de partido anarquista. Este modelo já teve algu-

mas definições específicas ao longo de sua história, tais como organicismo, plataformismo e especificismo.

Tenho me alegrado em descobrir que estas duas tradições, aparentemente distantes, são realmente tão próximas umas das outras. Essa proximidade pode ser facilmente detectada em uma simples leitura dos documentos, tanto do PKK e das tradições anarquistas. A tradição e experiência no Curdistão, liderada pelo PKK, pode alimentar tradições anarquistas de todo o mundo e vice-versa. Esta perspectiva animadora é a principal motivação por trás da razão para esta série de breves artigos.

De Bruno Lima Rocha, Doutor em Ciência Política e professor de Estudos Internacionais e Geopolítica em 3 universidades locais no Sul do Brasil.”

6 Notas sobre a economia da revolução de Rojava

Nic Beuret

Traduzido por Leo Vinicius

<http://passapalavra.info/2015/02/102469>

O programa econômico de Rojava, junto com os outros elementos da revolução, torna-a um experimento em ‘democracia sem Estado’ o qual vale a pena apoiar e aprender.

Muito já foi escrito sobre a revolução em Rojava, um território composto por três cantões de maioria curda no norte da Síria, que se tornou famoso pela defesa da cidade de Kobane contra as forças do Estado Islâmico. Após a Síria entrar em guerra civil em 2011, o povo de Rojava, incluindo muitos esquerdistas curdos, tomaram a região e embarcaram num projeto radical que eles chamam de ‘autonomia democrática’. Esse projeto visa criar uma democracia sem o Estado através da criação de conselhos e comunas em vários níveis políticos para governar o território, assim como trabalhar para abolir a polícia. Rojava também é famosa (com justiça) por colocar uma política feminista no centro do projeto político. Implementou sistemas de quota para participação feminina em várias comunas e conselhos, sendo quase tão mencionadas quanto a participação armada das mulheres nas forças de defesa de Rojava. Mas tudo isso raramente é suficiente para alguns segmentos da esquerda – a questão que não cala é, sem dúvida, e as relações de classe e a economia? Afinal, não é realmente #comunismo integral sem a tomada dos meios de produção...

Não muito tem sido escrito especificamente sobre a economia de Rojava, fora alguns poucos relatos de delegações que visitaram a região e entrevistadas com representantes. Porém, o que sabemos até agora é que a transformação econômica de Rojava é tão radical quanto o resto do projeto.

1. O estado da economia antes de 2011

As regiões que compõem Rojava foram deliberadamente deixadas no subdesenvolvimento pelo regime Assad e direcionadas para suprir a Síria com matérias primas, incluindo trigo, algodão e petróleo. A região era expressiva como fonte desses produtos, sendo uma das regiões mais férteis da Síria e fonte da maior parte de seu petróleo.

Contudo, embora houvesse vários milhares de poços de petróleo na região, havia poucas fábricas e nenhuma refinaria ou engenho. Cerca de metade da terra era propriedade estatal gerida por pessoas do governo como feudos privados. Após o início da revolução a maioria dessas pessoas e dos capitalistas que havia fugiram. Os recursos que eles controlavam e que foram deixados para trás foram expropriados pelos conselhos locais.

2. A economia social

A prioridade para os vários níveis do governo de Rojava é implementar o que eles chamam de ‘economia social’ – um sistema econômico construído com base em uma série de cooperativas em todos os setores econômicos. O objetivo inicial é se tornar autossuficiente para satisfazer necessidades básicas como comida e combustível. No momento isso é menos um ideal e mais uma necessidade uma vez que Rojava vive efetivamente sob embargo, sendo muito difícil importar para a região até mesmo os suprimentos mais básicos.

O programa econômico imediato visa criar uma infraestrutura para prover as necessidades vitais. Rações de pão são fornecidas pelas administrações locais a cada família e combustível é distribuído pelas comunas locais. Até agora duas refinarias de petróleo foram construídas assim como uma quantidade de engenhos e de plantas de processamento de laticínios geridos publicamente. Desde 2011 a nova administração tem tomado as terras que antes eram detidas pelos quadros do governo sírio e distribuído muitas delas a cooperativas rurais auto-organizadas.rojava4

3. Dinheiro e comércio

O objetivo final é construir a economia inteira de Rojava sobre a base de cooperativas ou outras pequenas unidades econômicas, juntando-as em uma rede na qual o uso do dinheiro seja minimizado ou eliminado. O que é produzido atualmente é vendido às várias entidades administrativas ou nos mercados locais onde o controle de preços é imposto aos produtos que são considerados ‘essenciais’.

A moeda síria ainda é usada, mas embora empréstimos possam ser feitos, juros não podem ser cobrados. Não há bancos no momento, embora haja um plano de criação de bancos para guardar economias, e o capital privado não será impedido de investir na região uma vez que ele adira aos princípios econômicos mais amplos da região. Muitos dos produtos nos mercados locais são contrabandeados para a região, um comércio que ainda está para ser coletivizado...

4. Educação

Central ao programa econômico é o desenvolvimento do setor educacional, incluindo um sistema acadêmico que oferece uma gama de cursos intensivos. Sob o regime Assad, competências e conhecimentos profissionais eram restritos aos membros do regime. No sistema acadêmico há uma estratégia consciente de desprofissionalização de modo a quebrar a divisão entre profissionais e não-profissionais e prevenir o aparecimento de uma nova classe tecnocrática.

As próprias lições na academia enfatizam fortemente a partilha de experiência entre os alunos de modo a quebrar a hierarquia professor-aluno, e focam a resolução de problemas em vez da aprendizagem por memorização. Fundamentalmente, a participação é uma das principais competências adquiridas nas academias, abrindo os vários conselhos e comunas a um engajamento social mais amplo, que pode não acontecer de outra forma (a participação é uma competência desigualmente distribuída em Rojava da mesma forma como é no Reino Unido).

5. Sindicatos e associações

rojava3Uma vez que grande parte da economia está nas mãos das cooperativas ou nas mãos privadas de indivíduos, os sindicatos e associações são limitados em número. Há, contudo, um número de sindicatos e associações, incluindo vários de agricultores, engenheiros e agrônomos, assim como uma associação de mulheres que se organiza pelos direitos das trabalhadoras, remuneradas e não remuneradas, que cuidam de pessoas.

6. A polícia

Uma associação que não será formada é a de policiais. O plano em Rojava é, ao fim, abolir a polícia, embora como a Asayis (segurança civil) responde aos conselhos locais e não ao Estado (não existente), o termo ‘polícia’ não seja usado. A função da Asayis é garantir a segurança da população e levar as disputas aos conselhos locais onde elas são na maioria das vezes dirimidas através de diálogo. O plano final é garantir que a maioria da população tenha treinamento em autodefesa e resolução de litígios de modo a difundir esses meios e capacidades a todos. O quadro geral é o de uma economia cooperativa onde as necessidades básicas são fornecidas pelas administrações locais ainda que estruturas de mercado ainda existam, embora em formas limitadas. Competências e educação, incluindo aquelas que envolvem autodefesa, estão sendo coletivizadas – com o objetivo de erradicação de hierarquias de conhecimento e de capacidades para violência. O programa econômico de Rojava, junto com os outros elementos da revolução, torna-a um experimento em ‘democracia sem Estado’ o qual vale a pena apoiar e aprender.

Carta escrita de um combatente da YPJ a sua mãe desde Kobani

Anônimo

Traduzido por Agência de Notícias Anarquistas (A.N.A.)

<http://autogestao.org/curdistao-carta-escrita-de-um-combatente-da-ypj-a-sua-mae-desde-kobani/>

[A seguir, carta escrita por um dos tantos combatentes da Unidades de Proteção do Povo (YPJ) que em inferioridade numérica e sem armamento estão defendendo a cidade de Kobani. São centenas de defensores curdos, mulheres e homens que lutam contra a agonia de uma cidade que está 60 % ocupada pelo “Estado Islâmico”.]

“Estou bem mamãe. Ontem celebramos meu aniversário de 19 anos.

Meu amigo Azad cantou uma bela canção sobre as mães. Me lembrei de ti e chorei. Azad tem uma bela voz, ele também chorou quando cantava. Azad também perdeu sua mãe, a quem não vê faz anos.

Ontem ajudamos um amigo ferido. Ele foi ferido por duas balas. Não sabíamos da segunda ferida quando foi atingido pela primeira bala no peito. Sangrava pelas costas também, vendei suas feridas e lhe dei meu sangue.

Estamos no lado este de Kobani, mãe... Uns poucos quilômetros se interpõem entre nós e eles. Vemos suas bandeiras negras, escutamos seus rádios, às vezes não entendemos o que dizem quando falam idiomas estrangeiros, mas podemos dizer que eles têm medo.

Somos um grupo de nove combatentes. O mais jovem, Resho de Afrin, lutou em Tal Abyad, logo se uniu a nós. Alan é de Qamishlo, do melhor bairro, lutou em Sere Kaniye, também se uniu a nós. Ele tem algumas cicatrizes em seu corpo e nos diz que é para Avin. O mais velho é Dersim, ele é da Montanha Qandil, e sua esposa foi assassinada em Diyarbekir, deixando dois meninos.

Estamos em uma casa nas proximidades de Kobani. Não sabemos quem foram seus donos. Há fotos de um ancião e outra de um homem jovem com um laço negro, parece que foi outro mártir... Há uma foto de Qazi Mohamad, Mulla Mustafa Barzani, Apo, e um velho mapa otomano com o nome de Curdistão.

Faz muito tempo que não temos café, nos inteiramos de que a vida é bela, inclusive sem café. Honestamente nunca tomei um café tão bom como o teu, mamãe.

Estamos aqui para defender uma cidade pacífica. Nunca matamos civis, em troca recebemos muitos refugiados feridos de nossos irmãos sírios. Estamos defendendo uma cidade muçulmana que tem dezenas de mesquitas. Estamos defendendo-a das forças bárbaras.

Mãe, eu te visitarei uma vez que esta guerra imposta termine. Eu estarei ali com meu amigo Dersim que irá a Diyarbekir para estar com seus filhos. Todos deixamos nossa casa e queremos voltar a ela, mas esta guerra, não sabemos quando termina. Talvez não volte mãe. Sonho com voltar a vê-los. Sei que você visitará Kobani um dia e buscará a casa que foi testemunha de meus últimos dias... Está no lado este de Kobani, parte dela está estragada, tem uma porta verde que tem muitos furos de disparos de francoatiradores e verás três janelas, uma no lado este, poderás ver meu nome escrito ali em tinta vermelha... Mãe, detrás dessa janela esperarei contando meus últimos momentos, vendo a luz do sol ao penetrar meu quarto pelos buracos de bala na janela. Detrás dessa janela, Azad com sua bela voz cantou a última canção a sua mãe, dizia “mamãe te deixamos”.

Mamãe, sinto sua falta”

MULHERES EM ARMAS: Zapatistas e curdas abraçam uma nova política de gênero

Charlotte Maria Sáenz

Traduzido por Amanda Porto

http://www.huffingtonpost.com/beverly-bell/women-up-in-arms-zapatist_b_6891494.html

Resistência e força manifestam como ervas daninhas através de rachaduras em Chiapas, no México e no Curdistão transnacional onde o respectivo Zapatista e movimentos de resistência curdos estão criando novas relações de gênero como uma parte principal de sua luta e processo para a construção de um mundo melhor. Em ambos os locais, a participação das mulheres nas forças armadas tem sido um ponto de entrada para uma nova construção social das relações de gênero baseada na equidade.

Enquanto os curdos tem lutado por sua sobrevivência contra o ISIS (Estado Islâmico) na cidade de Kobane, fronteira entre a Síria e a Turquia, os Zapatistas abaixaram suas armas há mais de 20 anos e têm mantido uma luta não-violenta desde então. Em ambos os casos, mulheres lutaram ao lado de homens contra a sua erradicação coletiva enquanto fazem mudanças radicais em suas relações de gênero. Trabalhando para maior equidade que possibilitou uma maior democracia direta, na construção de uma maior autonomia do Estado.¹ Em ambos os esforços, há também uma profunda ligação com a terra ² que consideram o valor das mulheres e do meio ambiente como essenciais para a própria vida.

Em ambas as resistências, mulheres pegaram em armas para lutar ao lado de seus colegas homens, mostrando tanto vontade quanto capacidade para lutar como soldadas. Entretanto, seu principal objetivo nas montanhas não é militar. Pelo contrário, sua mais importante tarefa é formar novas pessoas: homens e mulheres em relações mais equitativas entre si – uma relação que é também anticapitalista. “Acima de tudo, nós queremos para nossa militância criar uma nova personalidade, uma que é em completa contradição ao capitalismo”, disse um representante do Comitê Curdo de Jineologia (um comitê de e para mulheres fundado pelo transnacional

1 Por exemplo, assembleas Mesoamericanas ou os primeiros Sumérios e as organizações descentralizadas de configurações do clã e tribais, como descrito em “El confederalismo democrático: propuesta libertaria del pueblo kurdo.” ALB Noticias em Mar. 17 de setembro de 2013.

2 “Terra e Liberdade” tem sido o grito de guerra dos Zapatistas, tanto no passado quanto agora, enquanto “Terra ou Morte” é o slogan escutado no distrito de Botan hoje como noticiado por Heysam Mislim em “KobaneDiary: 4 Days Inside the City Fighting an Unprecedented Resistance Against ISIS”, Newsweek, 15 de Outubro, 2014.

PKK, o Partido dos Trabalhadores Curdos³). Para elas é um compromisso a criação da democracia, socialismo, ecologia e feminismo.

Os Zapatistas assumiram um compromisso similar para relações de gênero mais equitativas. Um dos primeiros resultados de sua revolta armada de 1994 foi a Lei Revolucionária de Mulheres [nota: localização]. Essa lei explicita 10 novas leis dando às mulheres poder sem precedentes sobre suas vidas, incluindo escolher casar ou não e com quem [nota: localização], o direito de participar em conselhos de governo, e o direito de carregar armas como milicianas, combatentes da milícia, no Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). As mulheres Zapatistas também pleitearam a lei para incluir a proibição de drogas e álcool, com o objetivo de endereçar uma das principais causas de violência doméstica. Após o cessar-fogo apenas doze dias depois da revolta, muitas mulheres soldadas transitaram para uma vida política não-militar tomando posições de governança sem precedentes, educação, administração, e tomadas-de-decisão – outros meios de pegar em armas, dessa vez entre si e com homens. Nos últimos 21 anos, tanto homens como mulheres tem estado em um processo de desaprendizado de antigas normas de gênero, reaprendendo como ser e se relacionar uns com os outros outra vez, dividindo tanto tarefas domésticas quanto públicas. Apesar da construção de equidade de gênero ainda estar em progresso, essas novas relações entre homens e mulheres tem sido um componente fundamental da construção da própria autonomia Zapatista.

Essas mudanças radicais nas relações de gênero vem ocorrendo em contextos de tremenda violência e guerra de tanto alta quanto baixa intensidade. Em Kobane, perto da fronteira turca, curdos tem mantido uma heróica resistência às devastações do ISIS por um lado, e as racistas e repressivas manipulações do Estado turco pelo outro. Em Chiapas, os Zapatistas vem construindo sua autonomia dentro de uma crescente violência de um narco-Estado que domina grande parte da nação, onde é difícil distinguir a diferença entre o governo e os traficantes de drogas. No próximo Guerrero – um estado ao sudeste do México também conhecido por seus ricos recursos naturais, intenso tráfico de drogas, movimentos de resistência e policiamento da comunidade – mulheres também tem se juntado nas fileiras armadas da policia comunitaria. Essas patrulhas armadas subiram para preencher o vácuo deixado pela polícia corrupta no pagamento de propinas do narcotráfico, e estão aumentando em várias outras comunidades ao redor do país. Homens e mulheres têm lutado juntos nessas diferentes linhas de frente, as vezes cruzando fronteiras estaduais e nacionais para se juntar ao combate, como muitas das jovens mulheres anarquistas da

3 Comitê de Jineologia como citado por Jorge Ricardo Ottino, escrevendo para Resumen-Latinoamericano das montanhas de Xinêre, áreas de defesa da mídia, sul do Curdistão, República do Iraque, 3 de julho de 2014.

Turquia, que cruzaram em ônibus para a Síria, para ajudar os curdos em Kobane na resistência ao ISIS nos meses passados.

Certas partes da resistência curda de 30 anos também tem tomado o projeto de forjar relações mais iguais entre homens e mulheres como parte crucial de seu projeto político. Com curdos espalhados ao redor da Turquia, Síria e Iraque, o conceito geopolítico de Curdistão foi expandido transnacionalmente no que alguns tem descrito como um “Confederalismo Democrático” que transcende fronteiras do Estado-nação. Essa é uma aspiração por enquanto, não uma realidade totalmente desenvolvida, nem apoiada por todos os curdos. Essas ideias são principalmente derivadas dos escritos em evolução do líder do Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK), Abdullah Öcalan, que está preso na Turquia desde 1999. Seu “Confederalismo Democrático” tem como objetivo construir um novo sistema que funciona para a justa distribuição de recursos, assim como a conservação do ambiente. Ele procura criar uma sociedade livre de sexismo [nota: machismo], substituindo sociedades tradicionais patriarcais, interpretações religiosas, e o merchandising capitalista de mulheres. O movimento tem tomado um intenso trabalho social e educacional para combater as mentalidades patriarcais implantadas nas mulheres e nos homens na forma de dominação.⁴

As resistências zapatista e curda tomaram uma transformação de paradigma radical que muda tudo. No centro da administração municipal autônoma zapatista, chamado de “Caracol de Oventic”, há uma “Secretaria para Dignidade das Mulheres”, onde as mulheres se encontram para discutir os sucessos e as falhas da Lei Revolucionária das Mulheres. Similarmente, o “Comitê Jineologia” do PKK estuda as histórias das mulheres para entender a construção de hierarquias e Estados-nação que corroem o poder das mulheres na sociedade. Ambas as comunidades vêm de intensas histórias e contextos patriarcais, portanto ainda há um longo caminho para percorrer em ambos os movimentos. Ainda assim em pouco tempo eles tiveram ganhos extraordinários. As mulheres estão cada vez mais representadas em conselhos de governo e ativas em suas fileiras armadas, mas a revolução real é vista dentro da esfera doméstica, onde cuidar das crianças, da saúde e da casa é um trabalho dividido entre os homens e as mulheres. Tanto curdos quanto zapatistas oferecem um exemplo vivo do que não apenas é possível, mas do que já está sendo praticado e vem crescendo.⁵

4 “El confederalismo democrático: propuesta libertaria delpueblokurdo”. ALB Noticias em Mar, 17 de setembro de 2013.

5 Para uma descrição mais aprofundada do movimento das Mulheres Curdas acesse <https://www.opendemocracy.net/arab-awakening/necla-acik/kobane-struggle-of-kurdish-women-against-islamic-state>.

Trabalhando na direção do que os zapatistas chamariam de “Outro” caminho de se relacionar entre outros, homens e mulheres atravessam espaços de guerra assim como de cuidado pastoral, agrícola e doméstico – aprendendo uns com e dos outros, ou nos campos de batalha ou preparando comida. É nessas práticas diárias de construção de autonomia que nós começamos a localizar a possibilidade de outro tipo de vida, outro tipo de conhecimento, estando com e se relacionando uns com os outros que pode criar e sustentar melhores maneiras de vida. Isso começa fazendo os hábitos patriarcais visíveis. Construindo relações mais equitativas significa uma prática diária de melhores e mais gentis maneiras de se relacionar entre homens e mulheres. Esse é o aprendizado para todos nós colocarmos em prática dentro de nossos próprios espaços e com nossas próprias pessoas [nota: nosso próprio povo], não apenas armados, mas também de braços dados... abrazándonos, abraçando uns aos outros.

Charlotte Maria Sáenz é Coordenadora de Mídia e Educação para Outros Mundos e leciona no Instituto para Estudos Integrals da Califórnia em São Francisco.



Impresso por



“ Somente há pouco tempo ficamos sabendo que em uma determinada região do Oriente Médio, mais precisamente no oeste do território curdo (Rojava), existe um processo revolucionário que se desenlaça e coloca no cerne da questão política a liberdade das mulheres e a negação do Estado-Nação. A luta revolucionária hoje no Curdistão é algo que recoloca no debate político da esquerda mundial a possibilidade de fazer a ruptura com a podridão do sistema capitalista e patriarcal. Hoje, o povo curdo, que está em luta contra os regimes opressivos da região, dá o exemplo de como é possível viver em uma sociedade baseada na democracia de base, no poder popular e no alto nível de liberdade das mulheres.

~ ~ ~

Assim, para além das palavras, o povo de Kobane e especialmente as mulheres, com as suas ações e a sua valentia, já nos disseram muitas coisas. Mostraram-nos o verdadeiro significado de um lema popular curdo: "Berxwedan Jiyan e" – “A resistência é a vida”.



Ateneu Libertário Batalha da Várzea
batalhadavarzea.blogspot.com
fb.com/abatalhadavarzea